

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Surf e Discursos de Ódio *Online*

João Afonso de Sousa Canelas

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:
Doutor Jorge Vieira,
Professor Auxiliar,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2024

iscte

SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de Sociologia

Surf e Discursos de Ódio *Online*

João Afonso de Sousa Canelas

Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:
Doutor Jorge Vieira,
Professor Auxiliar,
Iscte – Instituto Universitário de Lisboa

Junho, 2024

Resumo

A presente dissertação tem como principal objetivo caracterizar e tentar compreender como funciona o discurso de ódio digital no contexto do surf, percebendo as principais tendências que propagam discurso de ódio *online*.

Para tal, é feita uma análise da literatura existente sobre discurso de ódio, com especial foco na literatura de ódio que versa o contexto desportivo. Seguidamente é analisado o caso do surf em particular, e os episódios recentes de ódio digital na modalidade. Para aprofundar a pesquisa serão tidas em linha de análise as dez etapas do Circuito Mundial de Surf de 2023, com um enfoque nos comentários feitos nas transmissões ao vivo das etapas no canal de *YouTube* da *World Surf League*. Posto isto, os comentários serão classificados e analisados, de modo a verificar os principais padrões que regem os comentários de ódio digital no campeonato mundial de surf.

Com base nesta pesquisa foi possível comprovar que existe uma tendência significativa para o aumento de comentários e crimes de ódio digital na modalidade, e também ilustrar certos padrões comportamentais entre públicos de surf oriundos de diferentes países.

Palavras-chave: Surf; Ódio Digital; Discurso de Ódio.

Abstract

The primary objective of this dissertation is to elucidate the mechanisms by which digital hate speech functions within the context of surfing. This entails an investigation into the prevailing trends who disseminate hate speech online.

To this end, an analysis is made of the existing literature on hate speech, with a special focus on hate literature that deals with the sporting context. The case of surfing in particular is then analyzed, along with recent episodes of digital hate in the sport. In order to enhance the research, the ten stages of the 2023 World Surfing Tour will be analyzed, with a particular focus on the comments made in the live broadcasts of the stages on the World Surf League's YouTube channel. The comments will be classified and analyzed in order to verify the main patterns governing digital hate comments in the World Surf League.

The findings of this research indicate a notable increase in digital hate comments and crimes in the sport, as well as the emergence of specific behavioral patterns among surf audiences from diverse geographical regions.

Keywords: Surfing; Digital Hate; Hate Speech.

Índice

Resumo.....	i
Abstract	iii
Índice de Quadros e Figuras.....	vii
1. Introdução.....	1
2. Revisão de Literatura	5
2.1. Discurso de Ódio: definição e principais conceitos.....	5
2.2. Discurso de ódio <i>online</i>	6
2.3. <i>YouTube</i> e o discurso de ódio	10
2.4. Discurso de ódio no mundo digital do surf.....	12
3. Desenho da Pesquisa & Metodologia.....	17
3.1. Caso de Estudo: Análise de Comentários.....	17
3.2. Metodologia.....	18
4. Análise de Resultados	23
4.1. Análise Quantitativa	23
4.2. Análise Qualitativa	26
5. Conclusão.....	37
6. Bibliografia.....	41
7. Anexos.....	45

Índice de Quadros e Figuras

Figura 2.1. Ameaça recebida e partilhada pelo surfista Ethan Ewing na sua página de *Instagram* (@ethan_ewing).

Quadro 4.1. Total de comentários analisados com base nas transmissões do Circuito Mundial de Surf transmitidas na página de *YouTube* da WSL em 2023.

Figura 4.2. Comentários sobre o surfista Yago Dora na 1ª etapa do Circuito Mundial de 2023.

Figura. 4.3. Comentários de ódio na transmissão portuguesa (acima) e inglesa (abaixo).

1. Introdução

O surf está cada vez mais em voga, e é um dos desportos que tem apresentado um aumento mais significativo no número de praticantes de ano para ano¹. Apesar de ser praticado há séculos, ou talvez há milénios por tribos ancestrais da Oceânia e da América Latina (Martins, 2018), a verdade é que o surf muito teve que batalhar para ganhar popularidade e o prestígio que hoje lhe está associado. Foi apenas na segunda metade do século XX que começaram a ser dados os primeiros passos, com a criação de circuitos internacionais de surf, regulados por entidades como a ASP (Associação dos Surfistas Profissionais) – atual WSL (*World Surf League*) –, e com uma progressiva profissionalização do desporto com o aparecimento na cena do surf de algumas das principais marcas que patrocinam eventos e surfistas até aos dias de hoje, como a *Rip Curl*, *Billabong* ou *Hurley*. Importa também referir o papel fulcral que os *media* tiveram, à medida que se iam modernizando, para promover a modalidade, seja através de filmes, programas televisivos (Portugal, et al., 2017), jornais, ou ainda da internet, que começou a tornar-se preponderante a partir do final dos anos de 1990.

A internet foi sem dúvida o gatilho que veio colocar de vez o surf no panorama mundial, pois foi graças a ela que qualquer pessoa em qualquer parte do mundo pôde passar a acompanhar em tempo real todas as competições. Contudo, apesar dos múltiplos benefícios que a internet trouxe, verificam-se também alguns efeitos perversos que se fazem sentir cada vez mais, tanto com a acessibilidade da internet a cada vez mais pessoas, como com o aumento exponencial da audiência de surf, como é possível constatar através do aumento significativo de público nas transmissões do canal de *YouTube* da WSL² tanto nas etapas do Circuito Mundial, como em campeonatos secundários. É exactamente esse lado mais negativo dos utilizadores na internet que será analisado neste trabalho, tentando perceber o que se escreve e a potencial influência que o discurso de ódio exerce neste desporto, que é

¹ <https://www.surftotal.com/noticias/internacionais/item/24311-estudo-mostra-que-o-surf-e-o-desporto-com-crescimento-mais-rapido-nos-estados-unidos>

² Apesar de serem transmitidas competições de surf no YouTube desde 2014, dos 20 campeonatos com mais visualizações, 17 tiveram lugar nos últimos 3 anos.

tradicionalmente pacífico e onde raramente se registam episódios de violência verbal ou física, quer entre atletas quer entre os fãs da modalidade³.

O surf é um desporto emergente, e portanto artigos e pesquisas sobre a modalidade são ainda bastante escassos, e versam quase sempre a vertente turística e económica dos destinos de surf, abnegando frequentemente a sua dimensão desportiva e cultural, que tem características muito próprias fruto de uma convivência única com o mar, “seems to have a very individual identity and is related to a way of life in communion with the surrounding environment” (Iliuta & Wiltshier, 2018, como citado em Reis, et al., 2022, p. 389). Ao relacionar surf com comportamentos e discurso de ódio nas redes sociais *online* (RSO) os resultados são praticamente nulos e é por isso que este tema se torna tão pertinente, pois o discurso de ódio é um tema que gera cada vez mais debates e preocupações no seio da população, e claro, no meio científico e académico como nos mostram os dados mais recentes. O número de artigos sobre discurso de ódio tem vindo a aumentar exponencialmente na última década, tal como é afirmado por Paz et al. (2020) “the fact that academic interest in hate speech (HS) has seen a steady growth since 2014 is reflected in the volume of Web of Science (WoS)-indexed production, which increased from 42 to 162 between 2013 and 2018” (Paz et al., 2020, p. 1).

No entanto, se a preocupação em abordar o discurso de ódio é cada vez maior — e em muitas circunstâncias até é dado bastante destaque ao discurso de ódio num ambiente desportivo — a verdade é que as pesquisas feitas versam quase sempre os mesmos desportos, com grande destaque para o futebol e o futebol americano (Kearns, et al., 2022), sendo o primeiro o desporto mais popular a nível mundial, e o segundo um dos mais populares nos Estados Unidos, onde se concentram a maioria das investigações sobre o tema. “The studies on HS indexed in WoS are overwhelmingly written in English [...]. Three countries (the United States, the United Kingdom, and Australia) account for more than half of the contributions included in this review (651 out of 1,112) (Paz, et al., 2020, p. 3), sendo que dessas 651 contribuições, 431 provêm dos Estados Unidos da América.

³ Neste caso refiro-me apenas ao surf profissional, em que nos últimos 6 anos apenas aconteceu um incidente de violência numa competição de surf e que levou à suspensão imediata do surfista agressor. <https://blogs.oglobo.globo.com/radicaais/post/surfista-brasileiro-e-agredido-por-havaiano-em-pipeline.html>

Posto isso, esta dissertação encontra-se dividida em três partes centrais. Numa primeira parte será abordado o discurso de ódio, com especial foco na dificuldade da sua definição e nas diferentes visões que os autores têm sobre o mesmo e sobre as suas problemáticas, com uma introdução aos principais casos recentes de ódio digital no universo do surf. Num segundo momento será apresentado o caso prático a ser analisado, que diz respeito aos comentários feitos ao vivo pelos internautas nas transmissões das etapas do Circuito Mundial de Surf de 2023 na página de YouTube da WSL, e uma terceira parte onde serão apresentadas as principais conclusões deste exercício de análise.

2. Revisão de Literatura

2.1. Discurso de Ódio: definição e principais conceitos

É consensual entre os vários autores que o discurso de ódio é extremamente difícil de definir, pois para o classificar é necessário em muitas ocasiões usar critérios de análise bastante subjectivos e que podem ter diferentes interpretações consoante a pessoa que estiver a analisar o discurso de ódio. Como tal, muitos autores optam por recorrer à definição adoptada pelas Nações Unidas que aponta o discurso de ódio como “offensive discourse targeting a group or an individual based on inherent characteristics (such as race, religion or gender) and that may threaten social peace”, acrescentando ainda que pode ser definido como discurso de ódio “any kind of communication in speech, writing or behaviour, that attacks or uses pejorative or discriminatory language with reference to a person or a group on the basis of who they are, in other words, based on their religion, ethnicity, nationality, race, colour, descent, gender or other identity factor”, podendo este tipo de discurso ser transmitido através de texto, imagens, memes, gestos, símbolos⁴.

Semelhante definição foi adoptada pelo Tribunal Europeu dos Direitos Humanos que menciona como *hate speech* todas as formas de ódio baseadas na intolerância como “racial hatred, xenophobia, anti-Semitism or other forms of hatred (...), including intolerance expressed by aggressive nationalism and ethnocentrism, discrimination and hostility towards minorities, migrants and people of immigrant origin” (Council of Europe, 1997, p. 107, como citado em Chetty & Alathur, 2018, p. 110). Tiago Lapa e Branco Di Fátima mencionam também o discurso de ódio como a representação da violência e poder simbólico, a partir do qual muitas vezes se ataca e desqualifica socialmente pessoas ou grupos de pessoas por causa das suas características físicas ou identitárias (Fortuna & Nunes, 2018, como citado em Di Fátima, 2023).

Em suma, todas as definições convergem em certos pontos, mas existe um problema maior que se lhes coloca: a partir de que momento é que o discurso de ódio pode ser apelidado de crime de ódio? O mundo digital apenas veio complicar esta questão, pois qualquer pessoa pode fazer uma publicação numa rede social *online*, que será vista em alguns países como um exercício de liberdade de expressão e noutros como um crime de ódio. Tal como Chetty & Alathur (2018) afirmam, “Hate speech creates a situation to test the limits of

⁴ <https://www.un.org/en/hate-speech/understanding-hate-speech/what-is-hate-speech>

free speech”, uma vez que o discurso de ódio é regulado de diferentes formas em diferentes países.

Olhemos para o caso norte-americano. Embora não seja permitido o incitamento ao ódio, a Primeira Emenda da Constituição dos Estados Unidos assegura a liberdade de expressão plena, que abrange o discurso de ódio, desde que este não chegue ao nível de uma ameaça de violência contra um determinado grupo (Erjavec & Kovačič, 2012). Isto permite a existência de grupos abertamente racistas ou xenófobos que usam cada vez mais a internet para divulgar os seus pensamentos e ideologias preconceituosas, e abre caminho para contestações, por um lado da falta de liberdade de expressão em alguns locais, e por outro, para o excesso de liberdade de expressão, que deveria ser mais limitado em algumas situações. Este binómio de opiniões é foco constante de debate nas sociedades ocidentais e tem gerado muita apreensão, principalmente por parte dos defensores dos direitos civis que temem que se forem levadas a cabo acções mais severas para tornar a internet mais segura face ao discurso de ódio, a liberdade de expressão *online* possa ficar comprometida (Cho & Hazel Kwon, 2015).

2.2. Discurso de ódio *online*

As preocupações em distinguir a liberdade de expressão do discurso de ódio, como foi visto anteriormente, é algo bastante premente na sociedade actual, contudo desde os inícios da internet e das redes sociais *online* que esta temática é trazida para a ordem do dia, e na Primeira Convenção sobre o Cibercrime promovida pelo Conselho da Europa, em 2001, foi um dos tópicos debatidos, embora sem que tenham sido retiradas grandes conclusões (Ben-David & Matamoros-Fernandéz, 2016). Num mundo interligado do ponto de vista digital, onde quase tudo é visível em qualquer parte do mundo, e onde cada plataforma tem diferentes regras, assim como cada Estado tem a sua própria legislação, esta discussão dificilmente terá uma conclusão, e como tal é mais relevante centrar a questão do discurso de ódio *online*, não na sua vertente política, mas sim nas suas características diferenciadoras em relação ao discurso de ódio vigente principalmente nas últimas décadas do século passado, antes da globalização e acessibilidade da internet a qualquer um em qualquer canto do globo.

O discurso de ódio no contexto digital pode assumir várias expressões e manifestar-se das mais diversas formas, desde vídeos colocados no *YouTube* ou noutras plataformas *online*,

a *memes*, fotografias e montagens de imagens, ou até através de artigos, comentários e *tweets*. “These multimedia attacks create and reinforce stereotypes based on toxic language. They can range from mere insults to calls for physical extermination and genocide. Sometimes they stem from emotional outbursts and go viral online, migrating from one platform to another” (López-Paredes & Di Fátima, 2023, como citado em Di Fátima, 2023). Portanto, podemos olhar assim para o discurso de ódio nas plataformas digitais como um discurso moldável às características de cada plataforma, de cada público, e que pode facilmente tornar-se viral ao ser partilhado de forma massiva pelos utilizadores em diferentes redes sociais *online*.

Os memes assumem um particular destaque, pois ao invés da maioria dos métodos de propagação de discurso de ódio, nasceram e popularizam-se no meio digital, e só mais recentemente passaram a ser adaptados a outras formas de comunicação mais tradicionais, como os jornais ou a televisão. “Often defined as digital content units which share common features of content and form (Shifman, 2013), memes are a popular form of digital communication due to their highly affective potential (...), [and] ability to quickly spread across online platforms and stimulate user engagement” (Di Fátima (Ed.), 2023, p. 76). Por não conterem, de um modo geral, mensagens tão agressivas, e por serem facilmente partilháveis, os memes tornam-se num método bastante apelativo de difusão do discurso de ódio, pois podem transmitir a mesma mensagem de forma implícita e suavizada, retirando um pouco da carga negativa que poderia ter a mesma mensagem se partilhada através de um discurso oral ou escrito.

Uma das características mais típicas associadas ao discurso de ódio na internet é o anonimato. Estando a comentar ou a publicar conteúdo através de um ecrã, mesmo que sejam utilizados perfis reais, a pessoa que propaga discurso de ódio tem uma sensação de impunidade e de legitimidade para o fazer que não teria de outra forma, e isto pode originar um fenómeno que é conhecido como *flaming*⁵, que resulta da desinibição que as pessoas sentem fruto desse anonimato e que pode conceber “negative psychological effects as well as depreciate the climate of online public discussions” (Cho & Hazel Kwon, 2015, p. 365). Todavia, e em particular nos últimos anos, a questão do anonimato *online* tomou outras proporções com a criação cada vez mais facilitada de perfis falsos ou de *bots*, com uma grande influência da Inteligência Artificial (IA). Seja por motivos políticos, sociais ou apenas motivados pelo *trolling* – como iremos ver em seguida -, os perfis falsos controlados por

⁵ O *flaming* consiste no envio de mensagens ameaçadoras ou rudes (Kearns, et al., 2023)

pessoas ou por IA estão a inundar a internet de *fake news* e mensagens de ódio, beneficiando da impunidade que o anonimato digital lhes dá. As plataformas digitais tentam restringir este fenómeno das mais variadas formas, com novas medidas de verificação dos perfis, reconhecimento facial, dados pessoais do utilizador ou códigos de segurança, mas a verdade é que ainda estamos longe de encontrar uma solução eficaz e universal para este problema. Não obstante este lado mais negativo, é importante realçar que o anonimato pode ter em algumas circunstâncias também uma vertente positiva associada à maior liberdade que as pessoas sentem para opinar sobre determinados temas, que se usada devidamente pode produzir resultados bastante profícuos, sobretudo quando em ambientes onde as pessoas dificilmente se sentiriam seguras ou livres o suficiente para dar a sua opinião, levando a uma atmosfera mais positiva e de mente aberta (Cho & Hazel Kwon, 2015).

O comportamento dos *trolls*, que é conhecido como *trolling* é também facilitado pela sensação de anonimato *online* (Murthy & Sharma, 2019), e pode ser definido como “practice of behaving in a deceptive, destructive, or disruptive manner in a social setting on the Internet with no apparent instrumental purpose” (Xavier, 2022, p. 760), incorporando vários “anti-social behaviors which has generally operated as a “sub-culture” of the Internet (Phillips, 2015, como citado em Murthy & Sharma, 2010, p. 206). O objetivo primordial dos *trolls* é criar disrupção através de comentários provocadores que irão despertar algum tipo de emoções, geralmente negativas, em quem os lê. Na maioria dos casos, quanto mais repulsa causam os comentários dos *trolls*, mais estes intensificam a sua actividade, tornando-se verdadeiros agentes incendiários da internet, alimentando constantemente o discurso de ódio (Xavier, 2022). A prática de *trolling* pode ser interpretada de duas formas distintas, se por um lado temos o *trolling* clássico, que é executado tendo em vista a construção de laços e divertimento de uma comunidade, por outro temos os *trolls* anónimos, que agem de forma individual e que procuram apenas entreter-se ridicularizando alguém, mesmo que o alvo possa até sair prejudicado por isso (Xavier, 2022), o que acontece de forma frequente, sobretudo a nível emocional e social, quando o alvo é atacado de forma sistemática por algum *troll* ou por alguma comunidade digital.

O ódio digital ataca de forma indiscriminada e qualquer pessoa com presença nas redes sociais pode ser objecto de ataques de ódio, no entanto certas pessoas, ou pelo seu status social e notoriedade, ou simplesmente por serem alvos fáceis, são atacadas e perseguidas no mundo *online* de forma recorrente, numa prática que assume a forma de *bullying* digital. Em

2019, de acordo com um estudo da UNICEF realizado em 30 países⁶, um em cada três jovens disse já ter sido vítima de *cyberbullying*, e um em cada cinco chegaram inclusive a sair da escola devido a episódios de violência *online*⁷, quando questionados sobre os locais onde este tipo de episódios mais aconteciam, cerca de 75% dos jovens respondeu que redes sociais como o *Facebook*, *Instagram*, *Snapchat* ou *Twitter* eram os locais mais propícios a casos de *cyberbullying*. E isto tem consequências severas na população mais jovem, com os casos de depressão e ansiedade a aumentar a cada dia, o discurso de ódio e a perseguição digital levam cada vez mais adolescentes e jovens adultos a pôr termo à própria vida, nos Estados Unidos, a título de exemplo, a taxa de suicídio na população jovem aumentou mais de 60% entre 2007 e 2021⁸.

Mas o que pode levar as pessoas a aderir a esta cultura de ódio *online*, que tem consequências tão nefastas para todos aqueles que são alvo deste tipo de práticas? A resposta não é fácil nem precisa, e existem vários factores que podem contribuir para que isso aconteça, contudo, segundo Erjavec & Kovačič (2012) existem algumas motivações que mais se destacam, como por exemplo, a emoção, a defesa, a missão ou a retaliação. Com base no seu estudo e na pesquisa realizada, os autores enquadram os difusores de discurso de ódio em quatro grupos distintos: o primeiro é o dos *Soldados*, isto é, pessoas que utilizam o discurso de ódio de acordo com informações superiores, “their life mission is to defend the interests of their group and to attack the “enemy” by carrying out commands (...). They refer to their own performance as a “contemporary war.” (Erjavec & Kovačič, 2012, p. 909); o segundo grupo é apelidado de *Crentes*, pois defendem com convicção as suas crenças e ideologias, atacando os seus inimigos, com a crença “I fight for the right matter” (Erjavec & Kovačič, 2012, p. 911), adoptando à semelhança do primeiro grupo uma visão bipolar da sociedade; o terceiro grupo é constituído pelo que os autores chamam de *Jogadores*, estes usam o discurso de ódio apenas como um entretenimento para se divertir e viver alguma emoção, “in their opinion, the game goes like this: By starting to use hate speech, someone wants to rag the

⁶ Participaram nesta pesquisa cerca de 170 mil jovens com idades compreendidas entre os 13 e os 24 anos

⁷ <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-um-terco-dos-jovens-em-30-paises-relatam-ser-vitimas-bullying-online>

⁸ <https://www.publico.pt/2023/06/16/p3/noticia/suicidio-jovens-eua-aumentou-60-desde-2007-2053504>

other, who then gets back at him or her in the same manner, and then the third one joins, and so on (...) they just want to have fun by humiliating others” (Erjavec & Kovačič, 2012, p. 912); e por fim temos o grupo dos *Cães de Guarda*, ou seja, aqueles que usam o discurso de ódio para captar a atenção para as suas causas, “This group is the only one admitting that they use an “inappropriate manner of communication” (Erjavec & Kovačič, 2012, p. 913).

2.3. *YouTube* e o discurso de ódio

O YouTube, fundado em 2005, é uma plataforma gerida principalmente pelos utilizadores, e ao contrário do que acontece nos meios de comunicação tradicionais, o “hate speech generated (...) is mostly created and put into circulation by common people” (Aslan, 2017, p. 234). O sucesso desta plataforma nas últimas duas décadas fez dela a rede social mais bem-sucedida entre adultos nos Estados Unidos, de acordo com um estudo do *Pew Research Center*⁹. Contudo, “in spite of YouTube’s considerable relevance to HS, there is scant research on that platform’s comments. Eleven studies, amounting to some 9% of HS papers in the communication field, were identified” (Paz et al., 2020, p. 6). Um dos factores que contribui para essa lacuna a nível de estudos sobre o *YouTube* pode ser identificado como a dificuldade em julgar a intencionalidade das publicações e interações dos utilizadores, separando os comentários humorísticos dos ofensivos, ou os comentários sérios dos *trolls* que por vezes agem de forma séria mas apenas com o intuito de confundir a comunidade (Murthy & Sharma, 2019).

O aumento do discurso de ódio presente em conteúdos digitais levou a que as plataformas desenvolvessem nos últimos anos uma série de políticas e regras que resultassem numa moderação do conteúdo e na interação entre o público nas secções de comentários (Di Fátima, 2023). Segundo a política de discurso de ódio do *YouTube*¹⁰, tem sido feito um trabalho que assenta em quatro pilares: “removing violative content, raising up authoritative content, reducing the spread of borderline content and rewarding trusted creators”. O *YouTube* defende como maior prioridade a protecção da sua comunidade, e por isso não permite

⁹ De acordo com a pesquisa, cerca de 83% dos adultos nos Estados Unidos usam o *YouTube*
<https://www.pewresearch.org/internet/2024/01/31/americans-social-media-use/>

¹⁰ <https://support.google.com/youtube/answer/2801939?hl=pt-PT>

conteúdo que promova o ódio e a violência contra indivíduos ou grupos com base em algumas das seguintes características, “idade, classe social, deficiência, etnia, identidade e expressão de género, nacionalidade, raça, situação de imigração, religião, sexo/género, orientação sexual, vítimas de um conflito em grande escala ou veteranos de guerra”. A título de exemplo, vídeos que glorifiquem a ideologia nazi ou que neguem eventos como o Holocausto serão retirados da comunidade. E para além dos algoritmos cada vez mais sofisticados, o YouTube também apela à contribuição dos utilizadores para que estes façam uma denúncia sempre que encontrarem conteúdo que viole estas políticas.

Uma vez que não é permitida a publicação de conteúdo que infrinja estas normas, foram também definidas punições para quem não respeitar as directrizes da comunidade, entre as quais, a suspensão do Programa de Parcerias do *YouTube*, que fará com os vídeos desse canal não possam ter anúncios e como tal não poderá ser monetizado nem usar recursos como o *Super Chat*, que permite que o público faça doações directas ao canal. Para além de que, se durante um período de 90 dias após se verificar a primeira violação das directrizes da comunidade voltar a acontecer um episódio semelhante, o canal que propagar esse discurso de ódio poderá ser encerrado pela plataforma sem aviso prévio. Em situações menos graves alguns recursos dos vídeos poderão ser desactivados como por exemplo o espaço de comentários ou a secção de comunidade de um determinado canal, a possibilidade de dar *like* num vídeo ou de esse mesmo vídeo ser sugerido a outros utilizadores.

Mas em relação ao caso de análise existe uma dificuldade acrescida que está relacionada com as transmissões ao vivo no *YouTube*. É relativamente fácil através dos mecanismos de filtragem, descobrir e retirar vídeos que contenham conteúdo de ódio não permitido, é até relativamente fácil através de alguma denúncia analisar um determinado comentário e eliminá-lo, ou punir o utilizador caso o conteúdo do mesmo fira as políticas da empresa, no entanto em relação aos comentários ao vivo existe uma grande dificuldade em localizar o comentário e o autor caso esse seja passível de punição. Os *chats* das transmissões ao vivo apenas ficam disponíveis quando os canais transmissores o permitem, e mesmo quando isso acontece em algumas ocasiões são centenas ou milhares de comentários e para os ler na totalidade é necessário assistir à transmissão na íntegra. Quando não existem moderadores humanos (definidos individualmente por cada canal) a controlar o *chat*, a verdade é que todo o tipo de comentários pode ser feito sem qualquer tipo de filtragem, algo que acontece por exemplo nos campeonatos da WSL, em que cada transmissão pode durar até

11 horas, e pode ter dezenas ou centenas de milhares de comentários, sem nenhum moderador a controlar ou apagar comentários ofensivos com o objectivo de disseminar ódio.

Se nas redes sociais *online* em geral já existe um sentimento de impunidade bastante significativo nas secções de comentários, quando é o caso das transmissões ao vivo em que o comentário geralmente aparece nos ecrãs dos utilizadores apenas por breves segundos, a sensação de liberdade e impunidade para tecer qualquer tipo de comentário é ainda maior, o que suscita o aparecimento de um número mais expressivo de *trolls* e de pessoas mal-intencionadas dispostas a *trollar*, humilhar ou insultar os presentes no *chat* ou na transmissão.

2.4. Discurso de ódio no mundo digital do surf

A presença do surf no mundo digital é ainda relativamente recente, no *YouTube* o primeiro vídeo colocado no canal oficial da WSL aconteceu apenas em 2009, ano em que foi criada a página no *Facebook*, com a adesão ao *Instagram* a acontecer três anos mais tarde. Esse espaço de existência temporal reduzido fez com que nos primeiros 10 anos, a presença da *World Surf League* no mundo digital fosse pautada por uma convivência bastante pacífica entre os fãs de surf. Todavia, nos últimos cinco anos em particular esta tendência tem-se vindo a alterar radicalmente, com o ano de 2021 – durante os Jogos Olímpicos no Japão - a marcar o primeiro grande caso de ódio no mundo digital do surf.

Em terras nipónicas a modalidade tornou-se pela primeira vez num desporto olímpico, e como tal todos os atletas tinham o sonho de se poder tornar nos primeiros campeões olímpicos de surf. Nas meias-finais da competição deu-se um confronto entre o surfista japonês Kanoa Igarashi e o atleta brasileiro Gabriel Medina que é o surfista mais popular do mundo (soma actualmente mais de 13 milhões de seguidores nas suas redes sociais *online*), com o desfecho do *heat* a ser favorável ao nipónico Kanoa Igarashi, resultado que deixou o atleta brasileiro fora da disputa pelas medalhas. Com o julgamento dos juízes a gerar bastante polémica, depressa a internet se “incendiou” e gerou a maior onda de comentários de ódio jamais vistas no surf.

No *Twitter* (actual *X*) do atleta japonês, depois de garantir a medalha de prata nos Jogos Olímpicos, foi publicado o seguinte tweet: “Chora chora q tou feliz! Hehehehe”¹¹, que

¹¹ <https://x.com/KanoaIgarashi/status/1420168639416705024>

teve mais de 12 mil respostas, a maioria por parte do público brasileiro, e onde constam maioritariamente comentários de ódio direccionados ao surfista, e até algumas ameaças. Episódio semelhante aconteceu nos *tweets* seguintes feitos pelo surfista e até nas publicações do *Instagram*. Foi então que pela primeira vez o universo do surf se viu confrontado com um caso de ódio de grandes dimensões, mas não seria o único, nem o que atingiria proporções mais gravosas.

Foi já no ano de 2023 que aconteceram alguns dos episódios mais graves de ódio digital na modalidade e que tiveram repercussões que ainda agora se fazem sentir, como por exemplo no encerramento definitivo dos *chats* das transmissões ao vivo. Desde Fevereiro de 2024 que a WSL desligou os *chats* tanto da transmissão em língua portuguesa – como já havia acontecido parcialmente no ano passado – como da língua inglesa, e espanhola das etapas do Circuito Mundial.

A 29 de Maio de 2023 depois da etapa no *Surf Ranch*, o surfista Gabriel Medina posicionou-se publicamente contra o rumo seguido pela WSL e os critérios de julgamento das ondas numa publicação no *Instagram*, dizendo que “a comunidade do surfe, especialmente a brasileira, está estarrecida com a falta de clareza e inconsistência na definição das notas já há muitos anos, mas ultimamente isso tem sido ainda mais chocante. (...) Fãs e patrocinadores não aceitarão que isso continue e, em um futuro próximo, acabarão se afastando, uma vez que esperam um julgamento igual e justo para o esporte”. Algumas horas mais tarde, Filipe Toledo (actual bi-campeão mundial) e Ítalo Ferreira (campeão mundial e olímpico) associaram-se a este protesto, com o brasileiro Toledo a afirmar estar “cansado, exausto psicologicamente” e que apenas pelo “amor ao esporte” seguia “forte e firme”, sendo que meses mais tarde, o ainda campeão mundial anunciaria uma pausa na carreira durante o ano de 2024. Apesar de outros surfistas da elite mundial se terem juntado ao protesto, só as publicações destes 3 surfistas geraram mais de 555 mil *likes* e 32 mil comentários. E isso foi o suficiente para a internet em geral, e os seguidores destes surfistas – que se sentem lesados pela arbitragem – em particular, discutirem esta questão em todos os meios digitais relacionados com surf.

No dia seguinte, o CEO da WSL, Erik Logan, publicou um comunicado no *site* da empresa em reacção ao sucedido no dia anterior¹², um episódio inédito na história do surf, em

¹² <https://www.worldsurfleague.com/posts/517028/letter-from-wsl-ceo-erik-logan-to-the-wsl-community>

que muitos dos principais surfistas da actualidade se posicionaram contra a entidade que rege as competições profissionais de surf. “In recent days, a number of surfers, WSL judges, and employees have been subject to harassment, intimidation, and threats of violence, including death threats, as a direct result of those statements. Those things should never happen in our sport or any sport, and we’re devastated that members of our community have been subject to them. It is an important reminder to us all that words have consequences. We hope entire WSL community stands with us in rejecting all forms of harassment and intimidation”. Continuou rejeitando veementemente que “the judging of our competition is in any way unfair or biased”, e finalizou o comunicado ao afirmar que é “unacceptable for any athlete to question the integrity of our judges who, like our surfers, are elite professionals”. Apesar desta tentativa de defesa do CEO norte-americano, este acabou por não resistir a tudo o que estava a acontecer na Liga Mundial de Surf e acabou por abandonar o cargo de CEO da WSL, ao fim de quatro anos e meio ligado à empresa¹³.

Durante toda esta polémica o caso mais grave foi a mensagem partilhada pelo surfista australiano Ethan Ewing que recebeu uma ameaça grave por parte de um internauta brasileiro que dizia, “one day, you will compete here in brazil, and us will remember you. Get ready.”, “Im saying again, here in brazil, we will kill you. Saquarema will be your funeral”. Foi a primeira vez que um surfista recebeu uma ameaça semelhante, e este episódio deixou em alerta toda a comunidade do surf para a cultura de ódio que se manifesta de forma cada vez mais perigosa nas redes sociais *online*.

A verdade é que a situação de tensão continua, e face a todos estes episódios, só no ano de 2024 foram quatro campeões mundiais de surf a anunciar que se iam retirar do surf profissional, ou que iriam fazer uma pausa na carreira, para privilegiar a sua saúde mental, como assumiu Filipe Toledo¹⁴ e a octacampeã mundial Stephanie Gilmore¹⁵. Muitos outros

¹³ <https://www.surftotal.com/noticias/internacionais/item/23445-erik-logan-ja-nao-e-o-ceo-da-world-surf-league>

¹⁴ <https://observador.pt/2024/02/12/filipe-toledo-bicampeao-mundial-de-surf-para-carreira-para-tratar-da-saude-mental/>

¹⁵ https://www.rtp.pt/noticias/outras-modalidades/stephanie-suspende-atividade-no-circuito-mundial-de-surf_d1545544

atletas têm cogitado abandonar a competição profissional e têm dado a entender em entrevistas que poderão seguir o mesmo rumo num futuro próximo.

Durante este ano de competição os momentos de polémica têm sido muitos, e embora não tenham assumido a gravidade da época transacta, a verdade é que esta situação poderá a qualquer momento sofrer um volte-face fazendo com que os crimes de ódio voltem a ameaçar surfistas, profissionais da WSL ou juízes de competição.

Figura 2.4. Ameaça recebida e partilhada pelo surfista Ethan Ewing na sua página de *Instagram* (@ethan_ewing).



Fonte: *Instagram*

3. Desenho da Pesquisa & Metodologia

3.1. Caso de Estudo: Análise de Comentários

Neste capítulo será apresentado o caso prático que vai ao encontro dos temas anteriormente abordados, numa junção do mundo do surf profissional com o universo das redes sociais *online*, particularmente do *YouTube*.

Como foi observado no capítulo anterior, o discurso de ódio tem vindo a ocupar um posicionamento cada vez mais relevante na internet. Seja apenas com o intuito de denegrir ou prejudicar alguém, de dar resposta a ordens “superiores” ou de entreter e divertir o responsável pelo discurso de ódio, a verdade é que esta realidade veio para ficar no mundo digital, e com tendência para que o fenómeno de ódio se intensifique ainda mais nos próximos tempos – mesmo que as entidades políticas tomem medidas mais rigorosas para legislar e punir o discurso de ódio.

Em grandes competições de surf, ao contrário do que acontece noutros desportos¹⁶, raramente são vividas situações de maior tensão envolvendo atletas ou fãs, mas na internet o cenário é bastante diferente, e o ambiente inflamado faz-se notar há já algum tempo, tendo vindo a intensificar-se nos últimos anos, com consequências visíveis no período pós-pandemia. Nesse sentido, analisar os comentários feitos em tempo real durante as principais competições transmitidas na página de *YouTube* da WSL, pode revelar-se bastante pertinente para compreender aquilo que as pessoas mais comentam quando estão a ver uma competição de surf, de que forma se comportam e as consequências que isso pode ter no presente e futuro da modalidade, pois hodiernamente é impossível desassociar o que acontece no mundo “real” do que acontece no mundo *online*, uma vez que a interligação entre ambos é bastante significativa.

¹⁶ A título de exemplo, apenas na temporada 2022/2023 em Portugal, foram confirmados mais de 6 mil casos de violência num contexto desportivo, a grande maioria referentes aos clubes Benfica, Sporting e Porto, e quase todos associados ao futebol, realidade que contrasta completamente com o surf. <https://sicnoticias.pt/desporto/2023-12-30-Casos-de-violencia-no-desporto-disparam-maioria-sao-no-futebol-d19bb526>

3.2. Metodologia

Para analisar este caso foram escolhidas as 10 etapas do circuito mundial de 2023, excluindo o evento final pelas suas características, onde apenas competem os cinco melhores surfistas do *ranking* mundial. As duas primeiras etapas tiveram lugar no Hawaii, a terceira em Portugal, as duas seguintes na Austrália, seguindo-se uma etapa nos Estados Unidos, uma em El Salvador, a oitava etapa no Brasil, a penúltima na África do Sul, e para finalizar uma etapa no Tahiti. Existe uma janela de espera dentro da qual a competição pode ocorrer, não havendo um número mínimo de dias de competição definido, no ano de 2023, as etapas tiveram entre quatro a cinco dias de duração.

Em cada campeonato foram analisados todos os comentários feitos durante os últimos dez minutos de cada *heat*¹⁷, com a importante ressalva de que em alguns campeonatos fruto da condição do mar, acontecem dois *heats* em simultâneo, situação em que temos quatro surfistas na água. No ano de 2023 a WSL transmitiu os campeonatos em duas transmissões diferentes: uma dedicada ao público de língua portuguesa (maioritariamente brasileiros) com comentadores brasileiros, e outra transmissão exclusivamente em língua inglesa, dedicada a todo o público que não fala português, mas com especial destaque para americanos e australianos, estando portanto os três maiores mercados de surf (Austrália, Brasil e Estados Unidos) representados nas transmissões ao vivo. Contudo, durante a 3^a, 4^a, 5^a, 6^a, 7^a e 8^a etapa o *chat* da transmissão em língua portuguesa esteve encerrado e por isso só foi possível analisar os comentários feitos nas duas primeiras e duas últimas etapas. Na transmissão em inglês foram analisados os comentários de todas as etapas.

Também foram tidos em conta alguns critérios de exclusão para selecionar os *heats* analisados, de modo a que as diferenças entre as várias etapas fossem minimizadas de modo a não prejudicar a análise dos comentários.

Primeiramente, foram apenas considerados *heats* masculinos, isto é, apesar da competição masculina e feminina acontecerem nos mesmos dias e locais, sempre que a competição feminina começa as visualizações e o volume de comentários e de espectadores diminui bastante, portanto foi levada em linha de conta apenas a competição masculina. Em seguida, todas as análises foram feitas com, pelo menos, uma hora de transmissão, uma vez

¹⁷ *Heat* ou bateria (em português), é a designação para o confronto entre dois, três ou quatro surfistas. Tal como um campeonato é normalmente constituído por vários jogos, no surf, cada campeonato/etapa é constituído por vários *heats*/baterias.

que nos primeiros minutos de competição a audiência é ainda bastante reduzida e vai aumentando gradualmente ao longo da competição, nenhuma das baterias analisadas aconteceu na primeira hora de transmissão, e foi privilegiada, sempre que possível, uma bateria sensivelmente a meio da transmissão de cada etapa, sabendo que cada transmissão pode ir de duas a onze horas dependendo do local e das condições do mar.

Outro fator importante diz respeito aos dias de competição analisados, uma vez que como foi comprovado acima, a maioria das etapas tem uma duração de quatro ou cinco dias, foram excluídos o primeiro e o último dia de competição. O último dia (*final's day*) não é transmitido nos Estados Unidos nem no Brasil por conta dos direitos de transmissão, e por isso a audiência no *YouTube* é cerca de 20 vezes inferior. Quanto ao primeiro dia de competição, uma vez que são os *rounds* eliminatórios, a audiência é sempre mais reduzida, já que ainda estão todos os surfistas a competir e sem risco de eliminação. Como tal optei por analisar apenas as baterias referentes ao *round/32* e *round/16* que ocorreram sempre no 2º ou 3º dia de competição. Exceção apenas para a etapa nos Estados Unidos (a 6ª etapa do calendário) que teve lugar numa piscina de ondas, e desse modo os tempos de competição são sempre previamente definidos e a competição decorre apenas em dois dias e com um sistema eliminatório diferente das demais etapas.

Por fim, seria benéfico para a análise que fossem considerados comentários feitos em *heats* dos mesmos surfistas em todas as etapas, mas uma vez que tal não é possível, foi tido em consideração o seguinte critério: em cada *heat* analisado está presente pelo menos um surfista brasileiro e um surfista de um país de língua oficial inglesa (África do Sul, Austrália, Estados Unidos ou Hawaii). Nas baterias analisadas constam 20 surfistas diferentes de nove nacionalidades, com Gabriel Medina a ser o surfista que competiu em mais etapas (quatro), seguido por Samuel Pupo, Filipe Toledo e Jordy Smith (três), os primeiros brasileiros e o último atleta sul-africano.

Em relação aos comentários foram criadas 8 categorias distintas para os agrupar de forma mais eficiente: 1 – ódio/crítica; 2 – futebol; 3 – política; 4 – religião; 5 – humor; 6 – surf em geral; 7 – competição ao vivo; 8 – indecifrável).

Na primeira categoria estão englobados todos os comentários que se podem enquadrar nos parâmetros definidos na revisão de literatura feita anteriormente, em suma comentários difamatórios, insultuosos ou que pretendam ridicularizar, quer a WSL, os juizes de competição, surfistas, comentadores, ou simplesmente outras pessoas que estão a comentar no

chat do *YouTube*. Comentários como por exemplo “os juízes roubaram o surfista x”, ou que contenham insultos explícitos serão enquadrados nesta primeira categoria.

A segunda categoria, futebol, incorpora todos os comentários feitos sobre clubes, jogos ou jogadores de futebol, que nada tenham a ver com o surf.

Em terceiro lugar estão agrupados todos os comentários com referências ou apologia a ideologias, partidos ou candidatos políticos.

Em seguida temos a categoria que contém todos os comentários que consistam em manifestações religiosas explícitas, ou seja, comentários como “os juízes fazem de tudo para eliminar o surfista x, por amor de Deus!”, seriam colocados na primeira categoria, pois apesar de ter uma referência religiosa, a verdade é que esta é usada como parte do vocábulo popular e tem o objetivo de denegrir a integridade dos juízes e não de fazer apologia a qualquer ideal ou expressão religiosa.

A quinta categoria é possivelmente a de mais difícil análise pois entra num critério subjetivo: o humor. Dificilmente existirá um consenso pleno, contudo foram incluídos nesta categoria todos os comentários de sátira que não correspondam a uma ofensa premeditada a alguém, e que portanto não poderiam ser incluídos na primeira categoria, para além de comentários mais ligeiros que têm como única motivação gerar divertimento sem ser de forma negativa às custas de alguém.

Em relação aos comentários definidos como Surf em Geral, cabem aqui todos aqueles que falam de surf mas que não estão relacionados com o *heat* que estiver a decorrer naquele momento. Comentários sobre surfistas que não estejam a competir, campeonatos antigos ou futuros de surf, ondas específicas de um determinado local, etc., são comentários que falam sobre a modalidade, mas que não estão relacionados com a transmissão.

A penúltima categoria agrupa os comentários que dizem respeito ao *heat* que está a decorrer, por exemplo, se o surfista Gabriel Medina estiver a competir no *heat* analisado, mas for feito o comentário “Gabriel Medina foi o primeiro brasileiro campeão mundial de surf”, esse comentário seria enquadrado na categoria anterior, pois não está relacionado com a competição em curso, mas sim com um facto histórico do surf. São então tidos em conta comentários sobre a condição do mar, a prestação dos surfistas no *heat*, ou comentários relativos aquilo que é dito pelos comentadores ou surfistas durante a transmissão.

Por fim temos a categoria Indecifrável, que é a mais variada e onde cabe um maior leque de comentários diferentes. São englobados aqui comentários com *emojis*, feitos em línguas impossíveis de decifrar (como por exemplo em japonês, o que acontece em algumas ocasiões pois existem dois surfistas japoneses no Circuito Mundial de surf), comentários como “AHAHAH” ou outros que não sejam relacionáveis com nenhuma outra categoria e que não tenham qualquer sentido lógico como “o que vai ser o jantar hoje?” ou “não entendo nada de cozinha italiana”, muitas vezes este tipo de comentários resulta da ação de *trolls*, *bots* ou interações imperceptíveis entre membros do *chat*.

Importa também abordar a questão dos comentários serem mutuamente exclusivos. Em toda a análise foram detetados apenas cerca de 15 comentários que não foram enquadrados num só grupo, correspondendo a menos de 1% do total de comentários analisados, todos os restantes foram agrupados numa só categoria, seguindo os critérios abordados anteriormente.

No final será dado um especial foco aos comentários de ódio que serão primeiramente divididos em seis categorias distintas, e numa segunda instância, serão analisados individualmente 100 dos 263 comentários de ódio, numa análise mais qualitativa que permitirá perceber melhor que tipo de comentários são feitos nos *chats* das redes sociais *online* sobre surf.

4. Análise de Resultados

4.1. Análise Quantitativa

Como foi apresentado anteriormente, no exercício prático foram classificados todos os comentários feitos num período de 10 minutos durante as 10 etapas do circuito mundial de surf transmitidas em língua inglesa, e durante quatro etapas transmitidas em língua portuguesa. Como tal, e face a essa discrepância, na tabela apresentada em seguida consta o total de comentários analisados e a média de comentários feitos a cada 10 minutos, para que a comparação entre ambas as versões seja mais equilibrada.

Quadro 4.1. Total de comentários analisados com base nas transmissões do Circuito Mundial de Surf transmitidas na página de *YouTube* da WSL em 2023.

TOTAL			
1547 COMENTÁRIOS ANALISADOS APROX. 387 COMENTÁRIOS/10MIN		2979 COMENTÁRIOS ANALISADOS APROX. 298 COMENTÁRIOS/10MIN	
PORTUGUÊS		INGLÊS	
6,66%	1. ÓDIO/CRÍTICA (103)	5,37%	1. ÓDIO/CRÍTICA (160)
5,04%	2. FUTEBOL (78)	0,47%	2. FUTEBOL (14)
1,16%	3. POLÍTICA (18)	0,47%	3. POLÍTICA (14)
0,71%	4. RELIGIÃO (11)	0,57%	4. RELIGIÃO (17)
13,32%	5. HUMOR (206)	12,96%	5. HUMOR (386)
7,05%	6. SURF GERAL (109)	8,16%	6. SURF GERAL (243)
34,00%	7. COMPETIÇÃO AO VIVO (526)	38,67%	7. COMPETIÇÃO AO VIVO (1152)
32,06%	8. INDECIFRÁVEL (496)	33,33%	8. INDECIFRÁVEL (993)

Relativamente à transmissão em língua portuguesa podemos olhar para uma média de 387 comentários a cada 10 minutos, o que é substancialmente superior à média da versão inglesa que se cifra nos 298 comentários. As percentagens mais baixas pertencem aos comentários sobre religião (0,71%) e política (1,16%), que somados não atingem os 2% do total de comentários. Em seguida temos as categorias de futebol (5,04%), ódio e crítica

(6,66%) e surf em geral (7,05%) que apresentam valores bastante semelhantes, alternando entre os 78 e os 109 comentários. E por fim, nas categorias de maior expressão temos os comentários de humor (13,32%), e em destaque os comentários que pertencem ao grupo indecifrável (32,06%) e competição ao vivo (34%).

Na transmissão em inglês, no total de 2979 comentários temos apenas 14 que se referem a futebol e política (0,47%), imediatamente seguidos pelos comentários sobre religião que também não passam dos 17 (0,57%). Com uma expressão mais significativa vemos os comentários de ódio e crítica que apresentam um valor de 5,37%, logo seguidos dos comentários sobre surf em geral (8,16%). O maior destaque é dado, tal como na transmissão em português, aos comentários de humor (12,96%), aos indecifráveis (33,33%) e aos comentários sobre a competição ao vivo (38,67%).

Uma das conclusões que podemos retirar destes dados é que todas as categorias que não dizem respeito ao surf (futebol, política e religião) representam um valor quase nulo na transmissão inglesa (1,51%), enquanto na transmissão de língua portuguesa apresentam um valor ligeiramente superior (6,91%). Nas categorias exclusivas ao surf existe também uma diferença a ter em conta pois no *stream* inglês, os comentários nas categorias relacionadas com surf (surf em geral e competição ao vivo) são de 46,83% face a 41,05% no português. Já nas restantes categorias (ódio, humor e indecifrável) as diferenças entre as duas transmissões rondam 1% pelo que não é um valor significativo, enquanto nos comentários de ódio e humorísticos é a língua portuguesa que prevalece, no que toca a comentários indecifráveis a versão inglesa leva uma ligeira vantagem. Um dos motivos que pode ajudar a explicar um valor superior nos comentários indecifráveis em língua inglesa é o facto de pessoas de todos os cantos do globo comentarem nessa transmissão, muitas vezes nas suas línguas nativas enquanto na língua portuguesa quase todos os comentários são, à partida, exclusivos a portugueses e brasileiros.

Um fenómeno interessante dá-se também quando olhamos para os comentários feitos em português na versão inglesa e vice-versa. Na transmissão inglesa foram feitos no total 84 comentários em língua portuguesa (correspondendo a 2,82% do total de comentários), enquanto na transmissão portuguesa foram feitos apenas 6 comentários (0,39% do total) em inglês. Foi igualmente curioso constatar que em muitas circunstâncias havia utilizadores que comentavam simultaneamente nas duas transmissões nos respectivos idiomas. Embora não seja possível comprovar, pois o *YouTube* não permite saber o país de origem de um utilizador

que comenta numa *livestream*, a verdade é que sempre que o *chat* português esteve encerrado deu-se um aumento de utilizadores com nome em português a comentar na transmissão inglesa, e em muitas ocasiões com comentários que foram enquadrados nas categorias de humor e de ódio/crítica. No entanto, como muitos dos comentários foram feitos em inglês ou através de *emojis*, não é possível confirmar com total certeza que se deu uma migração de audiência da transmissão portuguesa para a inglesa, embora essa seja uma hipótese bastante provável, de acordo com o comportamento típico de muitos internautas quando têm práticas recorrentes de discurso de ódio, como foi visto no capítulo da revisão de literatura.

Um outro fator importante a considerar quando analisamos estes comentários, é a questão dos diferentes fusos horários das competições que exercem uma influência directa sobre o número de espectadores e de comentários em cada transmissão. A título de exemplo, quando os campeonatos começam pela manhã no Hawaii (na hora local), são cerca de 15 horas no Brasil, já quando inicia a etapa em Portugal normalmente são 3 horas no Brasil, com o fuso horário australiano as competições começam quase sempre ao início da noite no horário de Brasília, pelo que decorrem maioritariamente durante a madrugada, enquanto que no Tahiti o fuso horário é igual ao do Hawaii, e na África do Sul é semelhante ao português, já os campeonatos na América do Sul (Brasil), Central (El Salvador) e do Norte (Estados Unidos) apresentam um fuso horário com poucas variações.

Este exercício é pertinente pois se na transmissão em língua inglesa a audiência, embora com domínio norte-americano, está espalhada pelos quatro cantos do globo, na transmissão de língua portuguesa a audiência está esmagadoramente concentrada no Brasil e o facto de alguns fusos horários serem tão distintos faz com que o volume de comentários em algumas circunstâncias possa ser menor ou maior. Para além disso a altura do ano e o dia da semana em que as competições acontecem acaba por ter sempre alguma influência no número de internautas presente no *chat*. E é importante também não esquecer que o facto de algumas etapas serem mais decisivas torna-se mais apelativo para a audiência interagir. No final da 5ª etapa, dos 32 surfistas no Circuito Mundial apenas os 22 melhores continuam para o restante do ano, e no fim da 10ª etapa são definidos os cinco surfistas que vão lutar pelo título mundial, o que faz com que essas etapas tenham uma importância acrescida, e particularmente

na 10ª etapa a audiência foi a segunda mais elevada entre os dez campeonatos analisados, e o volume de comentários foi o maior¹⁸.

Em suma, podemos concluir que se discute mais sobre surf nas transmissões de língua inglesa (46,83% dos comentários contra 41,05% na transmissão portuguesa), e que se comenta mais sobre assuntos externos ao surf nas transmissões de língua portuguesa. (58,95% face a 53,17% na transmissão em inglês).

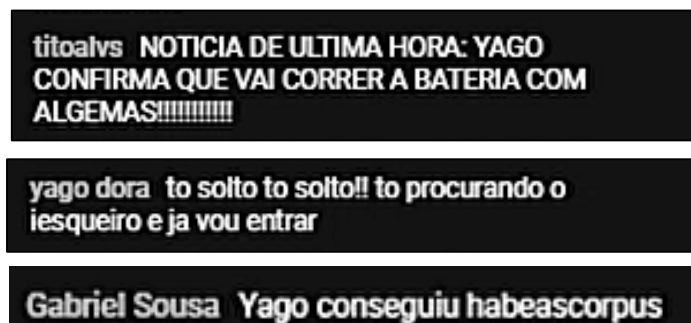
4.2. Análise Qualitativa

Passemos agora para um enfoque qualitativo nos discursos de ódio encontrados na amostra. Quando se olha exclusivamente para os comentários de ódio e de humor nas transmissões da WSL existe um aspeto que salta à vista, que são os comentários sobre Yago Dora, que é um dos surfistas brasileiros do Circuito Mundial em maior evidência nos últimos anos. Fruto do seu modo de ser mais reservado e tranquilo, a forma como comunica nas entrevistas e a personalidade que demonstra durante as competições, os internautas brasileiros criaram um *meme* à sua volta, acompanhado por uma história ficcional sobre uma vida paralela do Yago Dora. Afirmam constantemente que ele está “brisado”, ou seja sob o efeito de substâncias psicoativas, e que por isso foi preso, desse modo em todos os campeonatos existem comentários como “YAGO JÁ FOI SOLTO” ou “cadê a tornozeleira electrónica?”. Em 8 das 10 etapas analisadas foram recolhidos mais de 30 comentários do género sobre o surfista, tendo sido a maioria dos comentários colocados na categoria de humor, uma vez que estes, na sua generalidade, não procuram ofender ou criticar o surfista por algum aspeto físico ou psicológico, mas sim gerar um *meme* facilmente identificável que estimule o envolvimento dos utilizadores (Di Fátima, 2023) e da comunidade que está regularmente presente nos espaços de comentários de surf e que dá continuidade a este episódio ficcional que envolve o surfista brasileiro.

¹⁸ Nas duas transmissões analisadas deste campeonato assistiram mais de 566 mil pessoas, e o somatório de comentários durante 10 minutos aproxima-se dos 1400, com 619 comentários na transmissão portuguesa e 757 comentários na inglesa, ou seja, 30,40% do número total de comentários analisados foram feitos nesta etapa.

Na imagem abaixo temos o exemplo de 3 dos vários comentários feitos sobre o surfista Yago Dora, um deles dá conta de uma suposta notícia de última hora que confirma que o Yago iria competir com algemas, outro feito por um *troll* que tem como nome de utilizador do *YouTube* Yago Dora, tal como o surfista, e que pode ser frequentemente encontrado nas transmissões a fazer comentários como este, em que diz estar à procura do isqueiro para poder entrar na água, ou até um outro em que é dito que o Yago pode competir porque lhe foi concedido o *Habeas Corpus*, que garante a sua liberdade.

Figura 4.2. Comentários sobre o surfista Yago Dora na 1ª etapa do Circuito Mundial de 2023.



Fonte: *YouTube*.

Neste ponto irei também abordar mais detalhadamente os comentários de ódio que são feitos, tanto em português como em inglês e verificar as principais características diferenciadoras e os pontos em comum entre o discurso de ódio nas duas línguas.

Para tal escolhi cinco comentários de cada uma das etapas analisadas no *stream* em português (num total de 40 comentários de ódio), e três comentários em cada uma das etapas analisadas no *stream* em inglês (totalizando 60 comentários). Estes serão considerados em alguns grupos distintos que permitem compreender melhor o tipo de discurso de ódio que é feito e quem são os principais visados nesse discurso. Esses grupos correspondem a comentários de ódio feitos contra: *World Surf League*; os surfistas; os comentadores das transmissões, os juizes das competições, o *chat* e contra alguma nação/grupo específico. Importa também referir que dos 100 comentários escolhidos¹⁹ alguns (dez) cabem em duas

¹⁹ Os comentários escolhidos em cada transmissão foram os primeiros comentários a ser feitos durante a referida análise. O único critério que limitou esta escolha foi a repetição: por vezes o mesmo

categorias distintas, quatro desses comentários atacam em simultâneo um surfista e os juízes da competição, dois atacam o *chat* e uma nação/grupo, três atacam um surfista e a WSL e um ataca a WSL e uma nação/grupo.

Figura. 4.3. Comentários de ódio na transmissão portuguesa (primeira imagem) e inglesa (segunda imagem).



utilizador faz o mesmo comentário oito vezes seguidas, nessas situações o comentário é considerado como apenas um, para evitar que a análise se torne repetitiva.

JUÍZES	WSL	SURFISTAS
judges are a joke	Worst Surf League	he claimed it... what a fool
reef was robbed	WSL sucks	Kelly Slater is sponsored by Pfizer
when you surf against Felipe you are surfing against him and the judges	team toledo bribed judges with a big bag of cocaine, no way he got 15 points and wins the heat – world shame league	go pupo beat the traitor
judges should joining a comedy club	World Shame League	I'd buy weed from Ethan
9.2?? This judge is crazy!!!!!!!	league of shame	team toledo bribed judges with a big bag of cocaine, no way he got 15 points and wins the heat – world shame league
As usual the judges favoring Medina	shame league again	when you surf against Felipe you are surfing against him and the judges
yago robbed	WORLD SHAME LEAGUE! MEDINA UNDERSCORED AGAIN	bye crytalo
judges take long time to rob brazos	WORLD SHAME LEAGUE	As usual the judges favoring Medina
will rob again this year????	Kelly the boss olf WSL	if was ibelli was 3.3
Let's see yago being robbed	WSL pay tax to kelly	Kelly the boss olf WSL
Dora robbed	brazo surf league	WSL pay tax to kelly
robbed	shame league	Yago sucks go home
judges ROBBED HIM WTF		lol chicken joe
Kelly was robbed today		medina garbage
I got a 9 for the mom of every judge		medina paid the judges
	NAÇÃO/GRUPO	gabe always overscored, when they scored normal everyone cries
	brasil is a dump... no thanks	What a shame, he pooped his pants lol
	WSLGBTQ++	what a clown
	atleast they are not surfing in a toilet in brasil	
	brazos all going to be crying at dinner tonight	
	gringo gets 10 replays, Braz gets none	
	I'm just waiting for the Brazilians to start complaining when Kelly wins the heat	
	brazo surf league	
	claim and complain, the brazo normal	
	cry aussies	
	brazothieves	
	go cry brazukas	
		COMENTADORES
		commentator is 🤖👎
CHAT		
we love gringo tears		
how I do turn off the stupid chat		
World Cry League		
here comes the death threats when he loses		
the amount of cry coming is gonna flood the amazon		
cry is free		
cry cry cry		
WHY ARE YOU CRYING GRINGO0000		
cry aussies		
CRY GRINGO CRY		

Olhando para os resultados das duas tabelas podemos concluir que os juízes (29,36%), seguidos dos surfistas (23,85%) e da WSL (17,43%) são os principais visados pelos comentários de ódio no somatório das duas transmissões. Mais abaixo segue-se o *chat* (alvo de 11,93% dos comentários), a categoria de nação/grupo (11,01%) e por último os comentadores (6,42%). Já quando olhamos para cada transmissão individualmente, apesar das três categorias mais visadas nos comentários serem as mesmas, a verdade é que a diferença percentual varia significativamente.

Na transmissão portuguesa o grande destaque são os juízes da competição que são atacados em dezassete comentários (40,47%), num segundo patamar existem várias categorias

com valores bastante próximos, são elas, os surfistas, alvo de oito comentários de ódio (19,04%), a *World Surf League*, sete (16,67%), e os comentadores, seis (14,29%). Com menor expressão temos a categoria do *chat*, que é visada em três comentários (7,14%) e a categoria nação/grupo específico que lhe vê direcionada apenas um comentário de ódio (2,38%).

Na transmissão de língua inglesa a diferença entre a categoria mais atacada e a menos atacada é significativamente menor. O alvo preferencial dos internautas são os surfistas, a quem são dirigidos dezoito comentários de ódio (26,87%), em seguida os juízes de competição, que receberam quinze comentários (22,39%), a WSL com doze comentários de ódio (17,91%), nação/grupo com onze comentários (16,42%), o *chat* com dez (14,93%), e no final os comentadores que foram alvo de apenas um comentário de ódio (correspondente a 1,49% dos comentários feitos).

Importa realçar que estes números não dizem respeito à totalidade de comentários de ódio registados na análise (263), mas sim a uma amostra aleatória de 100 desses comentários, cerca de 38% do valor total dos comentários de ódio, porém, apesar de não corresponderem ao valor total da amostra, estes comentários permitem-nos ter uma noção sobre o que de mais negativo se comenta no canal de *YouTube* da WSL, e se existem ou não diferentes tendências de comentários de ódio.

Olhando para os resultados das duas tabelas podemos concluir que os juízes (29,36%), seguidos dos surfistas (23,85%) e da WSL (17,43%) são os principais visados pelos comentários de ódio no somatório das duas transmissões. Mais abaixo segue-se o *chat* (alvo de 11,93% dos comentários), a categoria de nação/grupo (11,01%) e por último os comentadores (6,42%). Já quando olhamos para cada transmissão individualmente, apesar das três categorias mais visadas nos comentários serem as mesmas, a verdade é que a diferença percentual varia significativamente.

Na transmissão portuguesa o grande destaque são os juízes da competição que são atacados em dezassete comentários (40,47%), num segundo patamar existem várias categorias com valores bastante próximos, são elas, os surfistas, alvo de oito comentários de ódio (19,04%), a *World Surf League*, sete (16,67%), e os comentadores, seis (14,29%). Com menor expressão temos a categoria do *chat*, que é visada em três comentários (7,14%) e a categoria nação/grupo específico que lhe vê direcionada apenas um comentário de ódio (2,38%).

Na transmissão de língua inglesa a diferença entre a categoria mais atacada e a menos atacada é significativamente menor. O alvo preferencial dos internautas são os surfistas, a quem são dirigidos dezoito comentários de ódio (26,87%), em seguida os juízes de competição, que receberam quinze comentários (22,39%), a WSL com doze comentários de ódio (17,91%), nação/grupo com onze comentários (16,42%), o *chat* com dez (14,93%), e no final os comentadores que foram alvo de apenas um comentário de ódio (correspondente a 1,49% dos comentários feitos).

Importa realçar que estes números não dizem respeito à totalidade de comentários de ódio registados na análise (263), mas sim a uma amostra aleatória de 100 desses comentários, cerca de 38% do valor total dos comentários de ódio, porém, apesar de não corresponderem ao valor total da amostra, estes comentários permitem-nos ter uma noção sobre o que de mais negativo se comenta no canal de *YouTube* da WSL, e se existem ou não diferentes tendências de comentários de ódio.

Em relação à categoria dos juízes é curioso notar que praticamente todos os comentários feitos em português criticam os juízes por “roubarem” deliberadamente atletas brasileiros, sendo o surfista Gabriel Medina o principal prejudicado pelas notas dos juízes no entender dos internautas, também Caio Ibelli e Yago Dora são visados pelos erros de julgamento. Exceção para apenas dois comentários, um que visa Gabriel Medina não como o prejudicado, mas com o favorecido “estão roubando para o Medina”, e outro que fala do surfista australiano que competia contra o brasileiro Filipe Toledo, “tão garfando o australiano”. No que toca aos comentários feitos em inglês a situação é exatamente oposta, pois na maioria dos casos os juízes são criticados por favorecerem atletas brasileiros “as usual the judges favoring Medina”, ou prejudicarem atletas americanos ou australianos quando surfam contra atletas brasileiros, como é o caso do comentário “reef was robbed”, uma vez que o atleta australiano estava a surfar contra o brasileiro Filipe Toledo. A exceção são os comentários que fazem menção ao brasileiro Yago Dora ter sido prejudicado contra Kelly Slater, “yago robbed”, “Dora robbed” e “Let’s see yago being robbed”. Apenas um dos quinze comentários dirigidos aos juízes na língua inglesa foge aos padrões de criticar o favorecimento de certos atletas em detrimento de outros, “I got 9 for the mom of every judge”. Percebemos assim a parcialidade que existe nos comentários de ódio direcionados aos juízes de competição, pois o público brasileiro olha para um *heat* em que competem brasileiros e sente-se prejudicado pelo julgamento das ondas, enquanto o público anglo-

saxónico sente que os atletas brasileiros são tendencialmente favorecidos contra americanos ou australianos.

Nos comentários de ódio dirigidos à WSL vemos uma tendência nas duas transmissões com comentários como “WSL é uma vergonha” ou “World Shame League” o *chat* critica principalmente a Liga como um todo sem definir um alvo específico, mas existem exceções, como a de Kelly Slater que por ser o maior surfista da história e ter competido com um *wildcard*²⁰ em algumas etapas do circuito mundial no ano de 2023, é apelidado de “boss” da WSL, que é criticada pelos internautas por fazer tudo o que está ao seu alcance para ajudar o norte-americano, “WSL pay tax to Kelly”. Muitas das críticas à WSL são originadas pelos resultados dos campeonatos, escolha dos juízes, ou mesmo por falhas momentâneas na transmissão ou na aplicação da WSL. Os trocadilhos com as iniciais da *World Surf League*, trocando *Surf* por *Shame* são os mais comuns e são visíveis em qualquer uma das transmissões de forma frequente.

Quando os visados pelo ódio digital são os surfistas a situação volta a ser mais semelhante com a que é verificada em relação aos juízes, pois os comentários em português criticam geralmente surfistas americanos ou australianos, e os comentários em inglês são principalmente feitos a criticar os surfistas brasileiros. Exceção feita para Kelly Slater que por ser o surfista mais consagrado e titulado da história, e pela sua longevidade – com 52 anos ainda compete entre a elite do surf mundial – é sempre visado por comentários depreciativos, até na língua inglesa como por exemplo “Kelly Slater is sponsored by Pfizer”, uma vez que este sempre se demonstrou contra o processo de vacinação que ocorreu durante a pandemia que teve inícios em 2020. Ainda na língua inglesa Samuel Pupo, Filipe Toledo, Ítalo Ferreira e Gabriel Medina são também visados nos comentários, com este último a ser o alvo de seis dos dezoito comentários de ódio. A estes juntam-se surfistas como Ethan Ewing “I’d buy weed from Ethan” e Kanoa Igarashi “go pupo beat the traitor”, já que o atleta agora nipónico, passou a maior parte da vida nos EUA e começou a competir no Circuito Mundial com a bandeira americana, tendo optado por representar o Japão pouco antes das Olimpíadas do Tokyo, e por isso é apelidado de “traidor” em muitos comentários. Nos comentários em português Kelly Slater é três vezes visado, por conta da sua idade “VOVO SLATER AINDA

²⁰ Os surfistas *wildcard* são os surfistas que não fazem naquele momento parte do circuito mundial, mas podem competir em alguma(s) etapa(s) como convidados, o que aconteceu com Kelly Slater no ano de 2024 e na 2ª metade da época de 2023.

EXISTE?”, sendo apelidado de dinossauro “uma vergonha perde pra esse dinossauro” e careca “asta la vista careca”. Gabriel Medina o surfista com mais seguidores nas redes sociais *online* também é recorrentemente visado, e é feita menção a uma hipotética situação de traição fruto do fim do seu casamento. O hawaiano Zeke Lau é outro atleta criticado por usar algumas lacunas das regras da competição de forma a beneficiar-se face à “fraca” qualidade do seu surf, “não dá no surf, vai na regra ridícula”, e por fim, Yago Dora, como é recorrente é outro dos surfistas atacados até na transmissão portuguesa, quando lhe chama de “presidiário”, “Kelly Slater vs presidiário” e dizem — dirigindo-se ao mesmo — “quem fuma maconha não se classifica”.

Em seguida temos os comentários de ódio feitos pelo *chat* contra o *chat*, que tendo pouca expressão na transmissão em português, uma vez que quase todos são brasileiros e torcem pelos mesmos atletas, assume uma relevância maior na transmissão inglesa em que estão pessoas de vários países a apoiar – e criticar – atletas distintos, gerando maior atrito nos comentários. Na transmissão em português temos um comentário de um utilizador que questiona “cadê os brasileiros chorões Agora?” depois de um surfista brasileiro ter sido eliminado, e em resposta a esse comentário outro utilizador critica-o “cala a boca aurelio”, com outro membro do *chat* a completar com o comentário: “vergonha é não saber nem escrever, e vir aqui falar mal de brasileiro”. Já na transmissão em inglês temos vários comentários mais negativos, “here comes the death threats when he loses”, fazendo alusão à ameaça de morte recebida por um surfista australiano dias antes, afirmando que a situação se iria repetir uma vez que os principais atletas brasileiros fossem eliminados. “World Cry League” ou “the amount of cry coming is gonna flood the amazon” são alguns dos exemplos de comentários negativos feito pelo público anglo-saxónico contra o público brasileiro que comentava no *chat*, sendo que dos dez comentários de ódio dirigidos ao *chat* na transmissão inglesa, oito fazem menção ao “choro” por parte dos internautas quando os surfistas do seu país são eliminados ou têm prestações menos conseguidas. “Cry is free” é mesmo o comentário que mais se repete, sendo visível em todas as transmissões em inglês do Circuito Mundial.

No que concerne aos comentários xenófobos, racistas ou discriminatórios temos vários exemplos no *stream* inglês maioritariamente contra o Brasil, como “brasil is a dump... no thanks”, “atleast they are not surfing in a toilet in brasil”, “brazos all going to be crying at dinner tonight” ou “brazo surf league”. Apenas um comentário (entre onze) foi feito contra uma outra nação, no caso, contra os australianos, “cry aussies”. Em oposição no *stream*

português, temos somente um comentário feito por um brasileiro contra os próprios brasileiros que comentam no *YouTube*, “cadê os brasileiros chorões Agora?”. Existe ainda um outro comentário que discrimina a surfista Tyler Wright que é assumidamente homossexual e é a única surfista do Circuito Mundial que compete com a bandeira do seu país e com uma bandeira alusiva à comunidade LGBTQI+ (*Progress Pride Flag*) na camisola de competição, “WSLGBTQ++” foi um comentário colocado repetidamente na transmissão sempre que um utilizador dizia “Insert Tyler Wright joke here”.

A última categoria é dirigida aos comentadores e narradores do evento que muitas vezes também são visados pelas opiniões que dão, na transmissão em inglês existe apenas um comentário dirigido a estes, “commentator is” acompanhado por um emoji de um caixote do lixo e outro com uma expressão de vômito. Já em português, quatro dos seis comentários são alusivos ao comentador brasileiro Klaus Kaiser que é criticado depreciativamente por tecer comentários favoráveis ao surfista americano Griffin Colapinto, com trocadilhos de cariz sexual usando o nome do estadunidense como “Klaus colapiça” ou “colapinto botou dentro do narrador”. Os comentadores que o acompanham nas transmissões, Vini Fornari e André Gioranelli também são citados nos outros dois comentários de ódio desta categoria, “os comentaristas só procurando 9309 motivos para dar not baixa” e “Edinho leite mto melhor que estes dois pangarés mesmo”, este último comentário tem como facto curioso que os protagonistas nele citados foram, meses mais tarde, afastados das transmissões da WSL, e Edinho Leite foi mesmo um dos comentadores que veio assumir a vaga deixada então em aberto.

Em suma, as diferenças comportamentais entre as pessoas que fazem comentários de ódio não são substanciais, consoante a nacionalidade existe uma tendência para que o alvo dos ataques seja distinto, mas as motivações e o tipo de comentários feito é de um modo geral similar. Podemos ver isso quando os comentários são contra a *World Surf League*, como o alvo é o mesmo, os comentários feitos em português ou inglês acabam por ser bastante parecidos e tentam atacar denegrir a empresa pelos mesmos motivos, mas noutros casos como por exemplo quando o visado é um surfista o conceito do «nós» contra o «eles» está bastante presente. Teun Van Dijk é um dos autores que populariza o conceito do *ingroup* e *outgroup* (van Dijk, 2005), que é exemplificado de forma perfeita através dos comentários de ódio no canal de *YouTube* da WSL, em que os brasileiros atacam sistematicamente os “gringos” (que percecionam como personalizando o *outgroup*) e os internautas anglo-saxónicos retribuem atacando os brasileiros. É esta dicotomia, do «nosso» grupo que partilha os mesmos valores,

nacionalidade ou gostos, contra o outro – que é visto como um inimigo – que origina as maiores ondas de ódio digital, em que as posições moderadas são cada vez menos preponderantes e mais silenciosas face a discursos extremistas de ódio que tentam deturpar os factos ou que são resultado de uma visão apaixonada e irracional de algum facto que esteja a ser discutido – no caso desta análise, o surf.

5. Conclusão

Como é defendido por Kearns, et al. (2023), a “natureza da comunicação *online*” no contexto desportivo e os seus efeitos ainda não foram devidamente estudados, e quase todas as pesquisas já efetuadas centram-se nos mesmos desportos e abordam temáticas semelhantes.

Com este exercício de pesquisa foi possível perceber que as dinâmicas do surf, tanto no mundo *online* como *offline*, apresentam características muito próprias e distintas de desportos como o futebol, basquetebol ou futebol americano, que são algumas das modalidades que mais atenção obtêm por parte dos pesquisadores. O surf é ainda um desporto bastante pacífico fora do mundo digital, e conserva muitas das suas principais características que vão ao encontro do conceito hawaiano do *Aloha* (palavra que significa paz, amor e respeito). No surf profissional, entre atletas, o clima é bastante positivo, e mesmo nas interações com os fãs na praia a cordialidade e o respeito estão sempre presentes — algo que se começa a ver cada vez menos noutros desportos. Já nas redes sociais *online* o clima pacífico que se viveu durante vários anos, parece estar a dar lugar a uma nova realidade, onde a tensão é uma constante e os momentos de polémica originam verdadeiros ataques de ódio, que resultaram inclusive numa ameaça de morte direcionada ao surfista Ethan Ewing.

Casos de polémica como o que ocorreu nos Jogos Olímpicos envolvendo o brasileiro Gabriel Medina e o japonês Kanoa Igarashi, ou o resultado do pronunciamento conjunto de vários atletas campeões mundiais, a criticar publicamente os critérios de julgamento das competições, que levou à saída do CEO da WSL tendem a ser cada vez mais frequentes, e quanto maior é essa frequência mais graves têm sido os efeitos entre os fãs da modalidade na internet. As consequências no desporto são evidentes e vão muito para além do ambiente digital, quando percebemos que só no último ano vários campeões mundiais abandonaram a modalidade ou suspenderam as suas carreiras por desgaste mental de toda a pressão com que lidam diariamente, e pela toxicidade do ambiente na modalidade ser cada vez maior. No contexto digital todos os *chats* das competições no canal de *YouTube* da WSL foram definitivamente encerrados nas transmissões em direto, os comentadores e narradores das transmissões de língua portuguesa foram todos substituídos, e houve uma grande alteração nas políticas e logística da *World Surf League*, que levou a empresa pela primeira vez a sediar no Brasil estúdios e comentadores.

A tentativa de inovar por parte da WSL tem sido visível de ano para ano com mudanças radicais a todos os níveis, no entanto o conservadorismo dos atletas e dos fãs tem sido um obstáculo difícil de ultrapassar e tem feito com que muitas propostas para revolucionar o desporto tenham voltado para trás. Isso é evidente quando vemos os comentários de ódio que têm sido dirigidos à WSL na internet, em que todas as tentativas de inovar resultam em oportunidades para os internautas atacarem a Liga, como ficou visível nos comentários analisados acima, onde o facto de a aplicação da WSL não estar operacional e apresentar algumas falhas, foi motivo suficiente para que esta sofresse ataques de ódio.

A divisão entre o *ingroup* e o *outgroup*, entre “os nossos” e os que estão “contra nós” também ganha cada vez maior expressão, e infelizmente tem tido como consequência ataques no *chat* em função da nacionalidade de quem comenta ou do atleta que está em competição. Como ficou visível na análise dos resultados, muitas vezes não importa o que é dito mas sim por quem é dito. Quando um surfista americano vence um brasileiro grande parte dos comentários de ódio que acontecem, atacam os juízes de competição por beneficiar um “gringo” com o objetivo de prejudicar os atletas brasileiros, em simultâneo na transmissão inglesa os comentários dirigem-se aos brasileiros (“brazzos”), para estes “pararem de chorar” e de “reclamar” sempre que os seus atletas não ganham. E nesta onda galopante de xenofobia nem os comentadores escapam aos ataques, que em muitas ocasiões acontecem porque quem está a narrar a competição tenta ser imparcial, e por isso é criticado por não “apoiar devidamente” os surfistas da sua nacionalidade.

Claro que os comentários de ódio correspondem apenas a uma pequena expressão da totalidade de comentários (cerca de 5,8% dos comentários analisados), contudo os impactos fazem-se sentir de forma intensa e prolongada, uma vez que muitas vezes são transportados de uma plataforma digital para outra e geram polémicas que se perpetuam durante dias ou semanas. Em 140 minutos de competição analisados foram categorizados 263 comentários de ódio, o que dá uma média de quase 2 comentários de ódio a cada minuto. Apesar de parecer um valor pouco significativo, no final da época corresponde a dezenas de milhares de comentários de ódio. Este valor certamente tem vindo a crescer nos últimos anos, e caso os *chats* não tivessem sido desligados depois da 1ª etapa de 2024, talvez assistíssemos a números bastante mais preocupantes no decurso da atual temporada.

Os desafios são muitos para quem gosta de surf, para quem decide o futuro do surf e para os atletas que vivem do surf. Todavia, para todos aqueles que se interessam pelo estudo

de redes sociais *online* e querem perceber melhor certos padrões comportamentais do discurso de ódio em ambiente desportivo, têm no surf uma modalidade ainda pouco explorada e com muitas dinâmicas interessantes a surgir a cada dia.

O discurso de ódio é uma realidade ainda relativamente recente na modalidade, e por isso é bastante interesse perceber em tempo real como é que os protagonistas e decisores deste desporto lidam e se adaptam a este novo ambiente digital. Com uma disputa acesa pelo título mundial como há muitos anos não acontecia – entre hawaianos, americanos, australianos e brasileiros -, com os Jogos Olímpicos a ter lugar dentro de algumas semanas no Tahiti (foi o local escolhido pela organização francesa para sediar o evento de surf) e com retornos e despedidas de alguns dos principais atletas do Circuito Mundial, os próximos meses prometem ser quentes e agitados, e trazer novas polémicas e focos de tensão e de ódio para o universo digital do surf.

6. Bibliografia

Agência Lusa. (2023, junho). *Suicídio de jovens nos EUA aumentou 60% desde 2007*. <https://www.publico.pt/2023/06/16/p3/noticia/suicidio-jovens-eua-aumentou-60-desde-2007-2053504>

Agência Lusa. (2024, fevereiro). *Filipe Toledo, bicampeão mundial de surf, pára carreira para tratar da saúde mental*. <https://observador.pt/2024/02/12/filipe-toledo-bicampeo-mundial-de-surf-para-carreira-para-tratar-da-saude-mental/>

Aleixo, M. (2024, janeiro). *Stephanie suspende atividade no circuito mundial de surf*. https://www.rtp.pt/noticias/outras-modalidades/stephanie-suspende-atividade-no-circuito-mundial-de-surf_d1545544

Alexandrino, R. (2018, dezembro). *Surfista brasileiro é agredido por havaiano em Pipeline*. <https://blogs.oglobo.globo.com/radicais/post/surfista-brasileiro-e-agredido-por-havaiano-em-pipeline.html>

Alves, C. Q. (2023, dezembro). *Casos de violência no desporto disparam, maioria são no futebol*. <https://sicnoticias.pt/desporto/2023-12-30-Casos-de-violencia-no-desporto-disparam-maioria-sao-no-futebol-d19bb526>

Aslan, A. (2017). Online Hate Discourse: A Study on Hatred Speech Directed Against Syrian Refugees on YouTube. *Journal of Media Critiques*, 3 (12), 227-256. [doi: 10.17349/jmc117413](https://doi.org/10.17349/jmc117413)

Ben-David, A., & Matamoros-Fernandéz, A. (2016). Hate Speech and Covert Discrimination on Social Media: Monitoring the Facebook Pages of Extreme-Right Political Parties in Spain. *International Journal of Communication*, 10, 1167-1193. <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/3697/1585>

Banks, J. (2010). Regulating hate speech online. *International Review of Law, Computers & Technology*, 24 (3), 233-239. <http://dx.doi.org/10.1080/13600869.2010.522323>

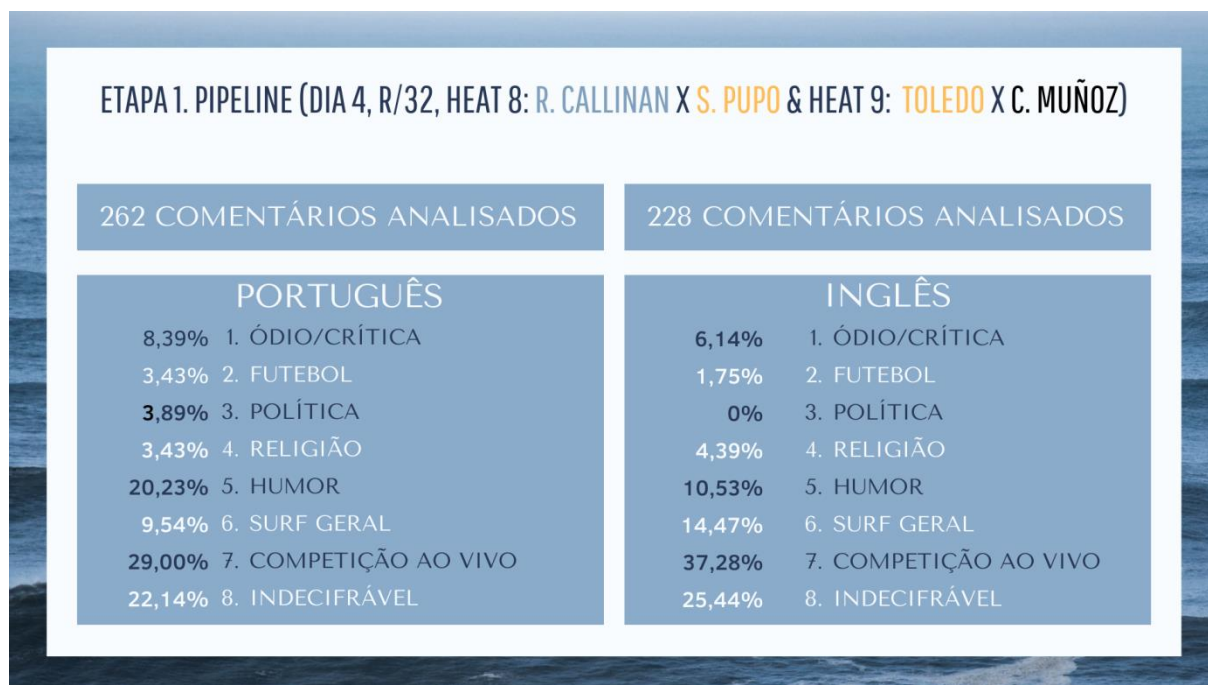
Baxter, J., Carlsson-Wall, M., Chua, W. F., & Kraus, K. (2019). Accounting and passionate interests: The case of a Swedish football club. *Accounting, Organizations and Society*, 74, 21-40. <https://doi.org/10.1016/j.aos.2018.08.002>

- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3 (2), 77-101. <http://dx.doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Chetty, N., & Alathur, S. (2018). Hate speech review in the context of online social networks. *Agression and Violent Behavior*, 40, 108-118. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.05.003>
- Cho, D., & Hazel Kwon, K. (2015). The impacts of identity verification and disclosure of social cues on flaming in online user comments. *Computers in Human Behavior*, 51, 363-372. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.04.046>
- Di Fátima, B. (Ed). (2023). *Hate speech on social media: a global approach*. LabCom Books & EdiPUCE.
- Erjavec, K., & Kovačič, M. P. (2012). “You Don’t Understand, This is a New War!” Analysis of Hate Speech in News Web Sites’ Comments. *Mass Communication and Society*, 15 (6), 899-920. <http://dx.doi.org/10.1080/15205436.2011.619679>
- Gottfried, J. (2024, janeiro). *Americans’ Social Media Use*. <https://www.pewresearch.org/internet/2024/01/31/americans-social-media-use/>
- Kearns, C., Sinclair, G., Black, J., Doidge, M., Fletcher, T., Kilvington, D., Liston, K., Lynn, T., & Rosati, P. (2023). A Scoping Review of Research on Online Hate and Sport. *Communication & Sport*, 11 (2), 402-430. <https://doi.org/10.1177/21674795221132728>
- Logan, E. (maio, 2023). *Letter to the WSL community from CEO Erik Logan*. <https://www.worldsurfleague.com/posts/517028/letter-from-wsl-ceo-erik-logan-to-the-wsl-community>
- Martins, J. (2018). *Os equipamentos náuticos e a cultura do surf: a criação de um fato de neopreno* [Dissertação de mestrado, Instituto Politécnico de Viana de Castelo]. Repositório Científico IPVC. <http://hdl.handle.net/20.500.11960/2164>
- Murthy, D., & Sharma, S. (2019). Visualizing YouTube’s comment space: online hostility as a networked phenomena. *New Media & Society*, 21 (1), 191-213. <https://doi.org/10.1177/1461444818792393>
- Paz, A. M., Montero-Díaz, J., & Moreno-Delgado, A. (2020). Hate Speech: A Systematized Review. *Sage Open*. <https://doi.org/10.1177/2158244020973022>

- Portugal, A., Martins, F., Campos, F. & Melo, R. (2017). Caracterização dos turistas de surf em Portugal: “Lazer sério”, comportamentos de viagem e atributos de destino. *Exedra*, Número Temático – Turismo (Volume 2), 106-124. <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6491109>
- Pyo, J. Y. (2023). Haters as Anti-Fans? Accruing Capital through Audiences Who Hate Journalists. *Digital Journalism*. <https://doi.org/10.1080/21670811.2023.2191331>
- Reis, P., Caldeira, A., & Carneiro, M. J. (2022). Can surf culture foster loyalty towards surf destinations?. *Journal of Sport & Tourism*, 26 (4), 387-407. <https://doi.org/10.1080/14775085.2022.2105387>
- Stanković, S. V., & Mladenović, M. (2023). An approach to automatic classification of hate speech in sports domain on social media. *Journal of Big Data*, 10 (109). <https://doi.org/10.1186/s40537-023-00766-9>
- Surf Total. (2023, junho). *Erik Logan já não é o CEO da World Surf League*. <https://www.surftotal.com/noticias/internacionais/item/23445-erik-logan-ja-nao-e-o-ceo-da-world-surf-league>
- Surf Total. (2024, janeiro). *Estudo mostra que o surf é o desporto com crescimento mais rápido nos Estados Unidos*. <https://www.surftotal.com/noticias/internacionais/item/24311-estudo-mostra-que-o-surf-e-o-desporto-com-crescimento-mais-rapido-nos-estados-unidos>
- UNICEF. (2019, setembro). *Pesquisa do UNICEF: Mais de um terço dos jovens em 30 países relatam ser vítimas de bullying online*. <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/mais-de-um-terco-dos-jovens-em-30-paises-relatam-ser-vitimas-bullying-online>
- United Nations. (s.d.). *Understanding Hate Speech*. <https://www.un.org/en/hate-speech/understanding-hate-speech/what-is-hate-speech>
- van Dijk, T. A. (2005) *Discurso, Notícias e Ideologia. Estudos na Análise Crítica do Discurso* (1ª edição). Campo das Letras.
- Xavier, S. (2022). Impact of Trolling and Its Effects on the Popularity of social media. *International Journal of Scientific Development and Research*, 7 (8), 760-768. <https://www.ijedr.org/papers/IJSDR2208113.pdf>

7. Anexos

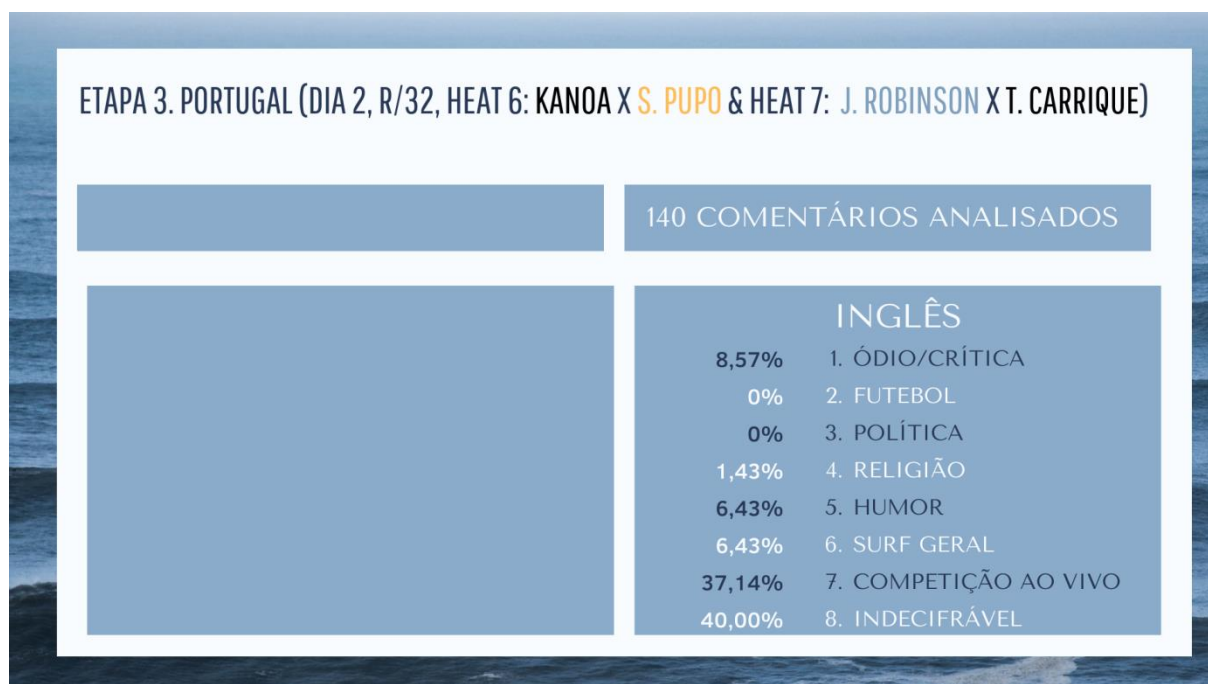
Anexo A. Comentários analisados da 1ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



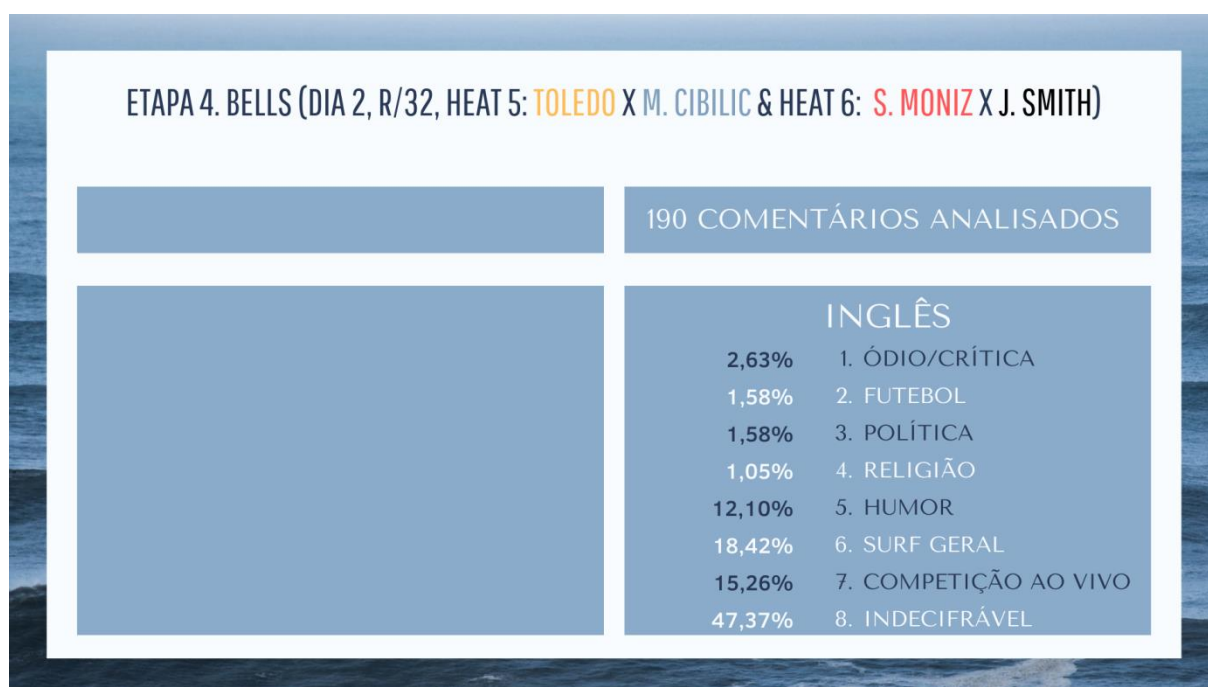
Anexo B. Comentários analisados da 2ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



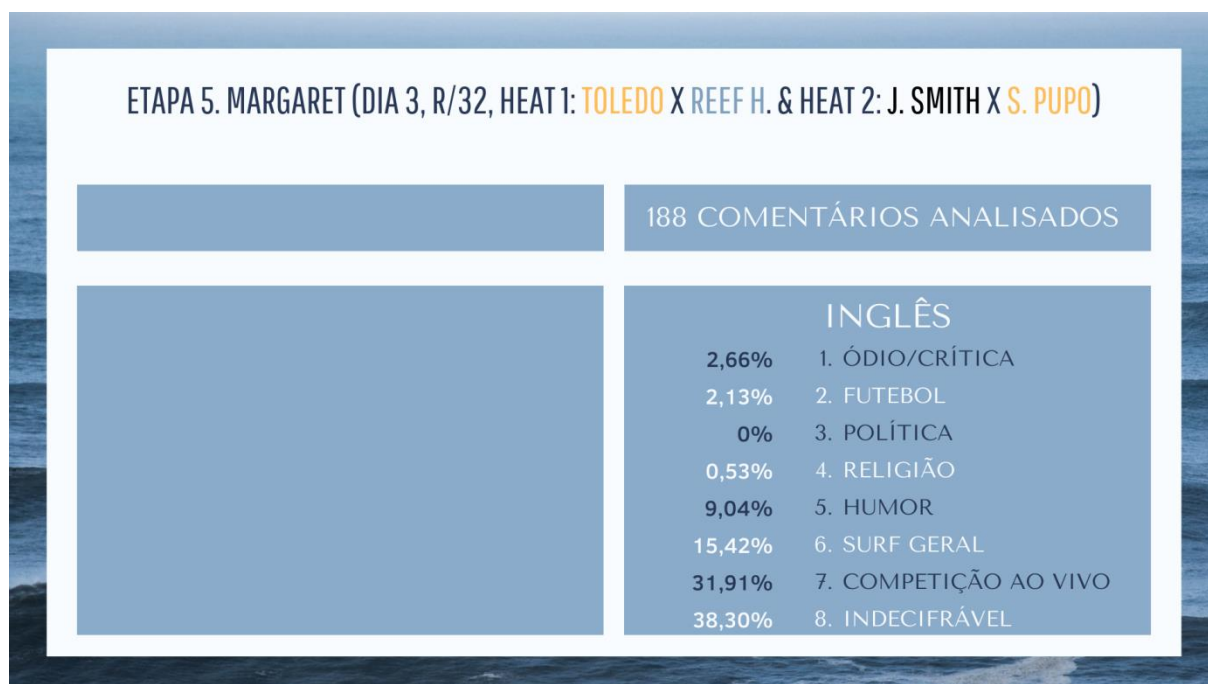
Anexo C. Comentários analisados da 3ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



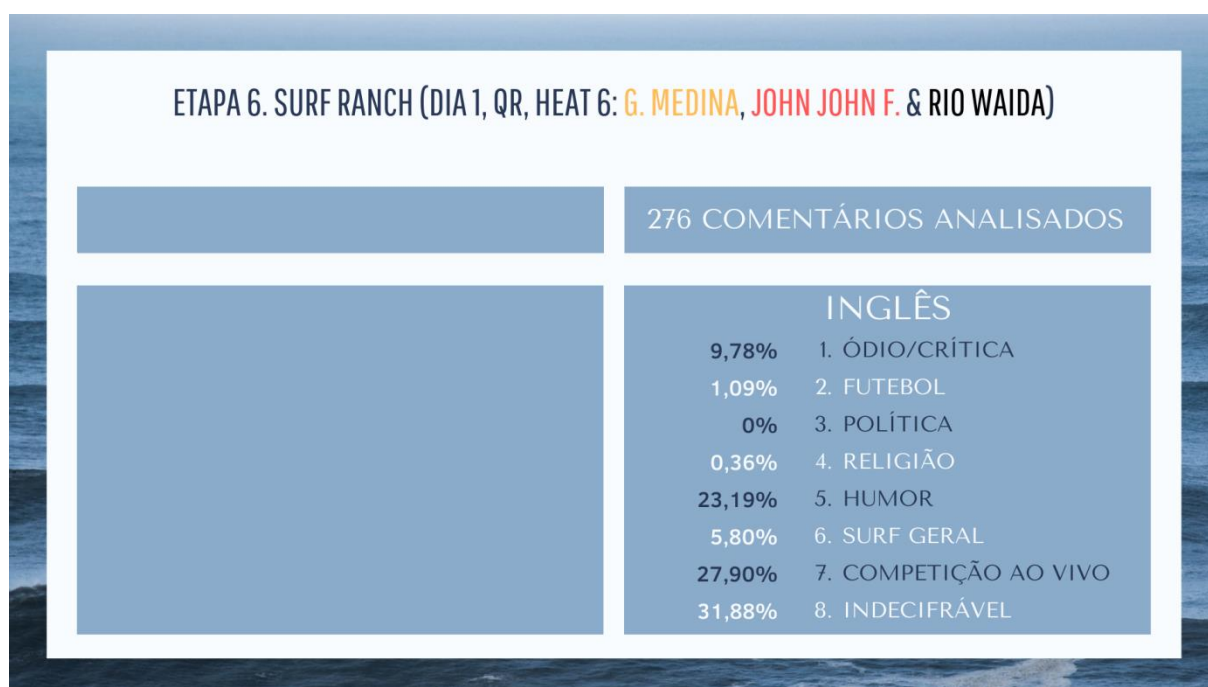
Anexo D. Comentários analisados da 4ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



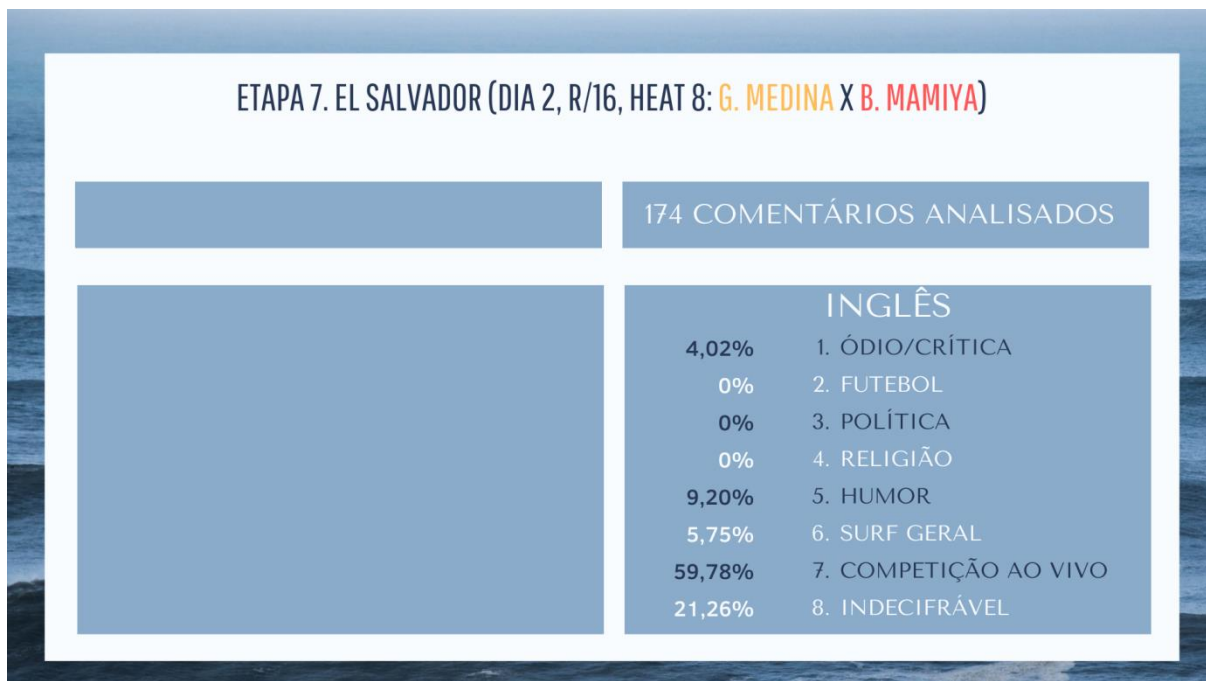
Anexo E. Comentários analisados da 5ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



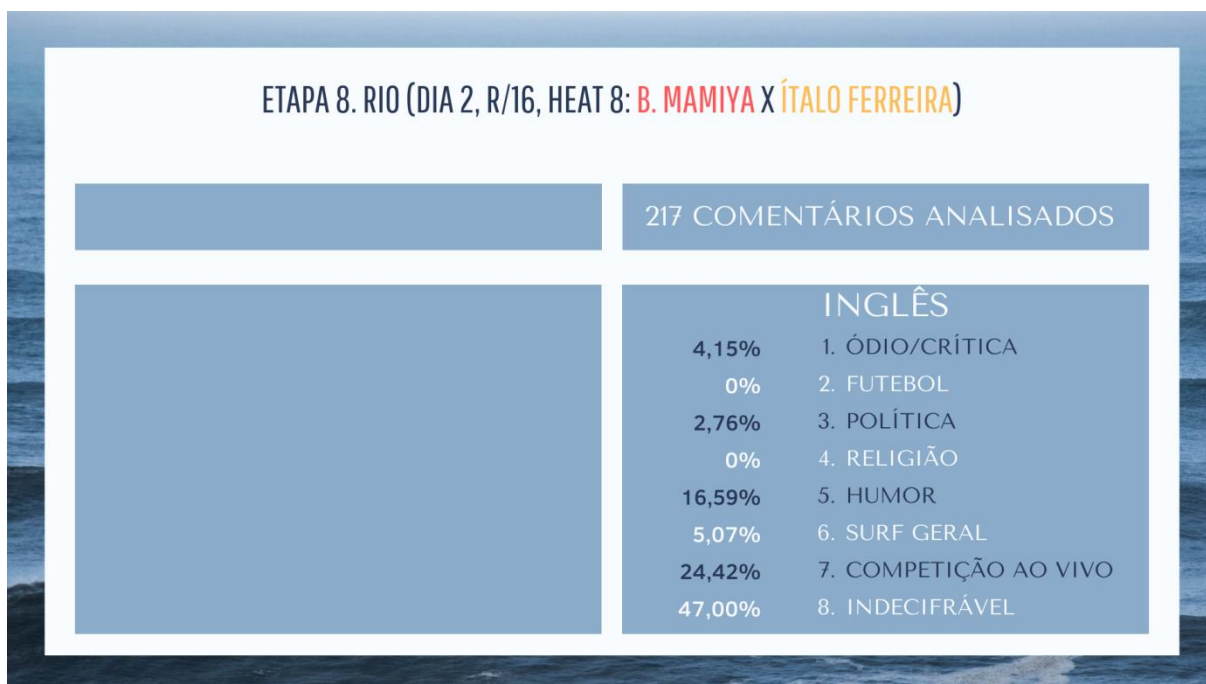
Anexo F. Comentários analisados da 6ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



Anexo G. Comentários analisados da 7ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



Anexo H. Comentários analisados da 8ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



Anexo I. Comentários analisados da 9ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023



Anexo J. Comentários analisados da 10ª Etapa do Circuito Mundial de Surf de 2023

